

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIAS
CÂMPUS POSSE
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

**DANIELY DA SILVA CIRINO
WARLEY JÚNIOR JOSÉ DA SILVA**

**O ENSINO DA HABILIDADE ORAL EM LÍNGUA INGLESA SOB A ÓTICA DOS
ALUNOS DO 8º ANO DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE POSSE-GO**

POSSE-GO

2017

**DANIELY DA SILVA CIRINO
WARLEY JUNIOR JOSÉ DA SILVA**

**O ENSINO DA HABILIDADE ORAL EM LÍNGUA INGLESA SOB A ÓTICA DOS
ALUNOS DO 8º ANO DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE POSSE-GO**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciados em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás.

Orientadora: Professora Ma. Maria Elizete Pereira dos Anjos



CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE POSSE- GOIÁS
CÂMPUS POSSE - GOIÁS
COORDENAÇÃO ADJUNTA DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA MONOGRAFIA
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autores: Daniely da Silva Cirino e Warley Júnior José da Silva

**Título: O ENSINO DA HABILIDADE ORAL EM LÍNGUA INGLESA SOB A ÓTICA
DOS ALUNOS DO 8º ANO DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE POSSE-GO.**

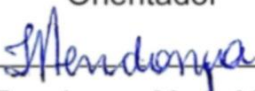
Monografia defendida e aprovada em 20 / 11 / 2017

Com NOTA _____ (_____), pela Banca Examinadora constituída pelos
professores:



Prof.ª Ma. Maria Elizete Pereira dos Anjos
Universidade Estadual de Goiás

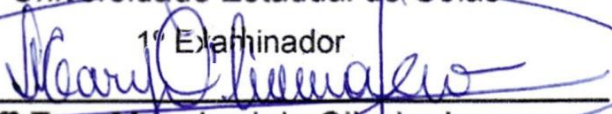
Orientador



Prof.ª Esp. Isaura Maria Mendonça

Universidade Estadual de Goiás

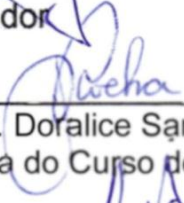
1º Examinador



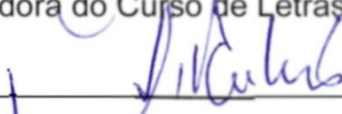
Prof.ª Esp. Mary Luci de Oliveira Lunezzo

Universidade Estadual de Goiás

2º Examinador



Prof.ª Esp. Doralice Santiago Rocha
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês



Prof. Ms. Alcemir Pinheiro Ribeiro
Coordenador Adjunto de Trabalho de Curso

Dedico o presente Trabalho de Curso aos meus irmãos Danilo (meu Branco), João Diego (meu Preto), à minha avó que tanto me apoiou e ao Sansão (meu gato), que tem nome de alguém forte e que me transmitia fortaleza nas noites em claro.

Daniely da Silva Cirino

Dedico o presente Trabalho de Curso aos meus pais que sempre me mostraram o caminho pelo qual eu deveria andar (Pv. 22:6), sempre acreditando no meu potencial como estudante e também aos meus irmãos que um dia chegarão até aqui. Amo todos vocês.

Warley Júnior José da Silva

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por ter nos permitido a chegar onde chegamos, nos guiando e nos fortalecendo nos momentos difíceis, encontrados ao longo dessa jornada.

Agradecemos a nossa família que sempre nos apoiou seja emocionalmente ou financeiramente.

À nossa orientadora Professora Maria Elizete Pereira dos Anjos pela sua dedicação, competência e apoio, que nos ajudou grandemente para a conclusão desse trabalho.

Aos colegas que nos ajudaram dando apoio, ajudando nos momentos difíceis, incentivando e assim, contribuindo para nossa formação. Em especial à Lucileide, que com seu esforço e dedicação, consegue nos transmitir força e esperança.

Aos professores da Universidade Estadual de Goiás por terem nos transmitido da melhor forma os seus conhecimentos.

Enfim, agradecemos a todos que contribuíram direta ou indiretamente para esse trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA CONTEMPORANEIDADE	17
1.1. A relevância do ensino de LE no Ensino Fundamental.....	19
1.2 O desenvolvimento da oralidade no ensino de língua inglesa.....	20
CAPÍTULO 2 RECURSOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DA HABILIDADE ORAL	26
2.1 O papel do material didático no ensino-aprendizagem das habilidades de <i>listening e speaking</i>	27
2.2 O papel das tecnologias no ensino da habilidade oral	29
CAPÍTULO 3 O USO DE FILMES E SÉRIES INFANTO-JUVENIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE ORAL	35
3.1. Utilizando a série “ <i>Raven´s Home</i> ” como ferramenta de ensino/aprendizagem	37
3.2 Resultados e discussões	39
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE A	61
APÊNDICE B	62
APÊNDICE C	65
ANEXOS	66

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Sinopses dos episódios trabalhados

QUADRO 2 - Convenções para transcrição

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 Habilidades mais importantes para os alunos

GRÁFICO 2 Dificuldades no estudo/compreensão em LI

GRÁFICO 3 Como as dificuldades podem ser superadas

GRÁFICO 4 Alunos que aprendem de forma autônoma

GRÁFICO 5 Quais recursos utilizam para estudar sozinhos

GRÁFICO 6 Recursos utilizados na escola para o aprimoramento do *listening* e *speaking*

GRÁFICO 7 Quais recursos melhor contribuem para o aprendizado

GRÁFICO 8 Alunos que acreditam na eficácia das mídias digitais no desenvolvimento do *listening* e *speaking*

GRÁFICO 9 Mídias acessíveis para os alunos dentro e fora da escola

LISTA DE ABREVIATURAS

LI - Língua Inglesa

LE - Língua Estrangeira

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

UEG - Universidade Estadual de Goiás

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

CD – *Compact Disc*

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

CALL - *Computer Assisted Language Learning* (Aprendizagem de Língua Mediada por Computador)

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

TV – televisão

DVD – disco digital versátil

Resumo

A presente monografia vinculada aos estudos que integram a área da Linguística Aplicada é resultado de investigações sobre a relevância do desenvolvimento da prática oral de língua inglesa por alunos do 8º ano “A” do Colégio Municipal Castro Alves. Optamos pela pesquisa qualitativa/quantitativa/interpretativista, considerada a mais indicada para o tipo de pesquisa oral desenvolvida. Posto isso, foi possível compreender e analisar a opinião alunos participantes, como também apresentar os resultados mensuráveis por meio da linguagem gráfica. Tal investigação nos permitiu compreender o desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa, as limitações enfrentadas pelos alunos e as possíveis soluções para estas dificuldades, o interesse dos alunos pelo acesso a situações reais de comunicação e sua relevância na sala de aula. Para tanto, nos apoiamos nas teorias de especialistas da língua inglesa que nos possibilitaram a relacionar a teoria com a prática em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino/aprendizagem de Língua Inglesa; Tecnologias e Ensino de LI; Relevância da prática oral; Recursos Didáticos

Abstract

This work, related to the studies that integrate the area of applied linguistics is result of investigations about the relevance of the oral practice development in English Language by students on 8th grade "A" of the Colégio Municipal Castro Alves. We chose the qualitative / quantitative/interpretative research so that it was possible to describe the speech of the students participating in the research as well as objective and numerical results through tabulation in graphs. This research allowed us to understand the English language teaching / learning process development, the difficulties faced by students and the solutions possible, the students' interest in by to real communication situations and their relevance in the classroom. To this end, we rely on the theories of English language specialists that enabled us to relate theory to practice in the classroom.

Keywords: English language teaching / learning; Language skills; Relevance of oral practice; Pedagogical Researches

Introdução

A necessidade de circulação por línguas estrangeiras de forma geral, e de língua inglesa, de forma específica, tem se tornado um imperativo na sociedade multicultural, multifacetada e globalizada da contemporaneidade. Em todas as esferas das nossas vidas, o inglês tem ocupado papel fundamental, seja para viagens, comunicação, oportunidades de trabalho, necessidades de interação e de trocas interculturais. Pelo seu uso no mundo inteiro, a língua inglesa tem ganhado cada vez mais relevância, sendo considerada, nas últimas décadas de língua franca, fazendo com que a importância de aprendê-la, torne-se essencial. Tal língua é oferecida pelas escolas, mas nem sempre seu ensino é significativo, pois há diversos fatores que podem comprometer essa prática.

O presente trabalho visa investigar a relevância do ensino eficaz da prática oral de língua inglesa, habilidade que é indispensável para a comunicação. Sabe-se que uma língua é composta por quatro habilidades linguísticas: ouvir falar ler e escrever, fatores importantes para a comunicação, porém, foi considerada, nesta pesquisa, apenas habilidade oral, como objeto de investigação.

Para fins didáticos, este trabalho foi organizado em três capítulos. No primeiro é abordado o ensino-aprendizagem de língua inglesa na contemporaneidade, descrevendo o processo histórico da língua inglesa até a atualidade. Desde a primeira fase de ensino que durou até a década de 1960, em que a metodologia era tradicional, mas já se buscava um melhor método de aprender a comunicar, até a terceira fase que permanece até hoje, em que se busca um ensino que atenda às necessidades da atualidade.

Nas escolas públicas, geralmente o inglês é oferecido do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Quanto a isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que são as diretrizes elaboradas por meio de normatização concernentes a cada disciplina, reconhece a importância do estudo de línguas estrangeiras e propõe que os alunos possam ser capazes de aprender e dominar uma segunda língua.

Ainda neste capítulo, é abordada a relevância da língua inglesa e também o desenvolvimento da oralidade no ensino da mesma. Por mais que essa língua seja oferecida pelas escolas ao longo de vários anos, há a necessidade de investigar seu processo de ensino e aprendizagem, conhecer as situações que comprometem um

ensino de qualidade, pois os alunos concluem o Ensino Médio com uma competência linguística limitada de LI.

O segundo capítulo trata da relevância do uso de recursos didáticos para o ensino da habilidade oral. Os meios que normalmente estão presentes no âmbito escolar para que os alunos tenham acesso aos conteúdos. São os livros didáticos e ferramentas tecnológicas como *data shows*, TVS, DVDS, computadores e internet, entre outros. Todas essas ferramentas tecnológicas são importantes no processo de ensino-aprendizagem, pois facilitam o contato com a língua falada, como os aparelhos de TVS e DVD'S que favorecem a execução de vídeos que podem possibilitar aos alunos verem e ouvirem conversações em inglês. Ademais, “o mundo globalizado e interconectado em que hoje se vive, reconfigura também as percepções dos aprendizes, mudando o seu perfil quanto à noção de aprendizagem e de apropriação da língua inglesa” (ANJOS, 2015 p.2). Nesta perspectiva, surge a necessidade de o professor de língua inglesa utilizar as facilidades que esses meios oferecem para otimizar o ensino e a aprendizagem.

Já o livro didático é um recurso didático oferecido gratuitamente aos alunos de escola pública e que auxilia também no ensino-aprendizado, visto que, em alguns casos, sugerem em suas abordagens, o desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas por serem acompanhados de CDS para o aprimoramento da habilidade de escuta e fala. Neste capítulo é elucidado o papel de cada recurso na sala de aula, o papel do livro didático e o papel das tecnologias.

No terceiro capítulo, intitulado “O uso de filmes e séries infanto-juvenis para o desenvolvimento da habilidade oral”, é feita uma abordagem sobre o uso das mídias no processo de ensino/aprendizagem de inglês. A utilização dessas ferramentas promove aulas diferenciadas, pois são ferramentas lúdicas e de grande relevância, pois colaboram para a visualização da língua falada. Com a prática de ouvir a língua inglesa, os alunos vão melhorando a pronúncia, adquirindo vocabulário e se encorajando a começar a falar nessa língua. Tal prática faz com que os alunos vão se aproximando e acostumando com o inglês para que posteriormente sejam capazes de exercer a comunicação. É importante relacionar as quatro habilidades linguísticas da língua para que a aprendizagem se dê por completo. Neste tópico é tratado dos resultados obtidos com a aplicação de uma pesquisa-ação, no qual foram utilizados episódios de uma série como fonte de aprimoramento do *listening* (habilidade de escuta) dos alunos, os resultados podem

ser visualizados através de gráficos e transcrições da roda de conversa realizada com os estudantes participantes da pesquisa.

1 ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA CONTEMPORANEIDADE

A relação intercultural entre Brasil e Inglaterra resultou na presença da cultura britânica na formação e desenvolvimento do povo brasileiro. A partir disso, foi gerada a necessidade de ensino da língua falada pelos britânicos, através do decreto assinado pelo Príncipe Regente de Portugal em 22 de junho de 1809, estabelecendo a criação de uma escola de francês e outra de inglês. Iniciou-se então o ensino do inglês propriamente dito no Brasil, o que, de acordo com Chaves (2004, p.5) “é muito provável que os primeiros professores de inglês tenham surgido nesse momento”.

Nas últimas cinco décadas, o ensino de línguas estrangeiras passou por significativos avanços até alcançar o *status* dos dias atuais, podendo ser dividido em três fases: a primeira abordou metodologias tradicionais e perdurou até a década de 1960, a segunda, de 1970 a 1990, passou a focar o ensino numa perspectiva comunicativa. A terceira, por sua vez, deu ênfase ao ensino comunicativo moderno, que iniciou no ano de 1990 e permanece até os dias atuais.

Na abordagem tradicional da primeira fase, o ensino de línguas priorizava o conhecimento sobre a língua, e, com isso, a gramática assume um papel normativo, se constituindo no foco principal da aula. Para que os aprendizes pudessem adquirir consciência das regras gramaticais, atividades de memorização eram realizadas na forma de exercícios estruturalistas de substituição e/ou repetição. Defensores dessa corrente tinham a convicção de que era possível aprender uma língua de forma dedutiva, ou seja, o professor ensina as regras e os alunos as aplicam através de exercícios gramaticais.

Nos anos 70 aos anos 90 surge o ensino comunicativo de línguas clássico, que logo se disseminou pelo mundo fazendo com que os métodos antigos fossem substituídos pelo modelo comunicativo que, Segundo Brown (2001), o professor que faz uso deste método torna-se um mediador da aprendizagem, pois estabelece situações efetivas de uso da língua e atua como um encorajador dos aprendizes. Além disso, incentiva a cooperação entre os alunos e a comunicação entre eles por meio de atividades cooperativas e dialogadas.

Dito de outro modo, essa tendência de ensino supõe que o aprendizado de uma segunda língua ocorre mais facilmente quando os alunos se envolvem em situações de comunicação.

Em alguns contextos atuais de ensino pode ser observada a utilização de metodologias que buscam desenvolver a competência comunicativa dos estudantes. A estrutura da língua não é ensinada de forma dedutiva, mas como componente que propicia o desenvolvimento das demais habilidades. Os materiais didáticos oferecem modelos válidos de linguagem promovendo assim, melhor compreensão da língua falada.

Atualmente nas escolas públicas, a disciplina de língua inglesa é ensinada no ensino fundamental II (6º ao 9º ano) e ensino médio. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Pcn's), que são as diretrizes elaboradas por meio de normatização concernentes a cada disciplina, reconhece a importância do estudo de línguas estrangeiras, pois

A aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. Isso pode ser viabilizado em sala de aula por meio de atividades pedagógicas centradas na constituição do aluno como ser discursivo, ou seja, sua construção como sujeito do discurso via Língua Estrangeira. Essa construção passa pelo envolvimento do aluno com os processos sociais de criar significados por intermédio da utilização de uma língua estrangeira. (PCN,1998, p.19)

Os PCNs postulam a habilidade de leitura como a mais viável de se desenvolver na sala de aula, devido às salas superlotadas, falta de formação do professor e falta de materiais tecnológicos, mas não descarta a importância das demais habilidades.

Isso não quer dizer, contudo, que dependendo dessas condições, os objetivos não possam incluir outras habilidades, tais como compreensão oral e produção oral e escrita. Importa, sobretudo, formular e implementar objetivos justificáveis socialmente, realizáveis nas condições existentes na escola, e que garantam o engajamento discursivo por meio de uma língua estrangeira. Portanto, o foco na leitura não é interpretado aqui como alternativa mais fácil e nem deve comprometer decisões futuras de se envolver outras habilidades comunicativas. Pode-se antever que, com o barateamento dos meios eletrônicos de comunicação, mais escolas venham ter acesso a novas tecnologias, possibilitando o desenvolvimento de outras habilidades comunicativas. PCN, 1998 (p. 21)

O desenvolvimento da oralidade da língua inglesa na sala de aula é essencial para que haja um aprendizado significativo, pois permite colocar em prática o aprendizado teórico dessa língua. A Base Comum Curricular do 8º ano do Ensino Fundamental (p.214) indica que os estudantes dessa série tenham “Práticas de compreensão e produção oral de língua inglesa, em diferentes contextos discursivos presenciais ou simulados, com repertório de falas diversas (falantes nativos e não nativos, incluída a fala do professor)”.

Sendo assim, fica evidente a importância de desenvolver as quatro habilidades linguísticas na sala de aula, apesar das dificuldades que possam ser encontradas.

Vale ressaltar a importância na sociedade contemporânea, de estudar e dominar uma segunda língua, principalmente a língua inglesa, pois contribui para o crescimento pessoal, profissional e além de promover trocas interculturais tão necessárias para participação efetiva na sociedade multifacetada em que estamos inseridos.

1.1 A relevância do ensino de LE no Ensino Fundamental

O ensino da língua inglesa é de notável importância, visto que é utilizado em diversos lugares do mundo, incluindo o Brasil, e se tornou indispensável nos estudos, viagens, negócios e comunicação. É imprescindível a utilização desse idioma na atualidade e essas exigências fazem com que seja necessário investigar como acontecem as práticas de ensino de língua inglesa em sala de aula.

Compreende-se que a fala é uma atividade mais central do que a escrita no cotidiano de muitas pessoas, devido ocorrer de forma mais rápida e facilitar a comunicação. Ao comparar o envio de uma mensagem escrita com uma ligação telefônica pode-se perceber que o telefonema é mais espontâneo e permite que o locutor interaja com o receptor rapidamente, ao contrário da escrita, que é necessário que a mensagem seja enviada, lida e por fim respondida.

No processo de ensino/aprendizagem de uma segunda língua, deve-se desenvolver o aprendizado gramatical e também a comunicação oral, de forma a relacionar a teoria com a prática. A finalidade do ensino do inglês é formar indivíduos com competências gramaticais e comunicativas, relacionando esses dois aspectos importantes, de forma que não priorize somente o desenvolvimento de uma habilidade.

É importante que ambas estejam interligadas no que se refere ao estudo de uma língua estrangeira, pois, juntas, formam indivíduos capazes de interagir por escrito e oralmente. É irrelevante para os alunos estudar ano após ano somente a gramática e exercícios de tradução, para concluírem o ensino médio sem conseguirem se comunicar no idioma estudado. A língua inglesa se fosse bem ensinada nas escolas, possibilitaria aos alunos uma formação com uma boa bagagem de conhecimento e estes, poderiam afirmar que realmente aprenderam o idioma no ensino regular.

A comunicação oral, nos últimos anos, tem recebido uma atenção cada vez maior como habilidade linguística que merece pesquisa e estudo próprios, tanto que alguns profissionais da área de ensino de idiomas dão a essa habilidade uma atenção sistemática e as atividades de compreensão oral são hoje fundamentais para muitos materiais de cursos de idiomas. Há duas razões principais para tal desenvolvimento, uma teórica e outra prática. Partindo do ponto de vista teórico, percebe-se essa habilidade como um meio essencial de entrada ao âmbito linguístico para os aprendizes de idiomas. Já no ponto de vista prático, mais pessoas estão aprendendo inglês, por exemplo, para comunicar-se oralmente com falantes de inglês fora do seu próprio país.

Não obstante a compreensão oral ser uma habilidade importante, é provavelmente a mais difícil de aprender e ensinar. Para os aprendizes, a prática de aquisição de habilidade oral pode ser desafiadora, por ser instantânea e por muitas vezes não se sentirem capazes de processar as informações que ouvem durante essa prática com a rapidez que a mesma exige.

1.2 O desenvolvimento da oralidade no ensino de língua inglesa

A prática oral de língua inglesa é importante para o aprendizado da mesma, visto que se trata de habilidade indispensável para a comunicação. Isso acontece porque a aquisição de uma língua estrangeira depende do desenvolvimento de habilidades linguísticas, dentre elas a escuta (*listening*) escrita (*writing*), fala (*speaking*) e leitura (*reading*). Neste sentido, o ensino pautado apenas em estruturas morfosintáticas não permite ao aluno o aprendizado completo de um novo idioma. A língua inglesa é oferecida pelas escolas, mas nem sempre é ensinada em sua totalidade, pois não é oportunizado ao aprendiz o desenvolvimento das habilidades supramencionadas. Tais habilidades devem ser desenvolvidas de forma articulada para que os estudantes possam compreender e fazer uso da LI de forma segura e fluída.

Cientes da importância que essa prática tem para o indivíduo que deseja aprender um novo idioma, o presente estudo se faz necessário, pois objetiva investigar o ensino da habilidade oral de inglês como língua estrangeira na sala de aula, visando, sobretudo, compreender os desafios enfrentados pelos professores e alunos e, a partir dessa compreensão, refletir sobre possíveis soluções.

Conforme já mencionado, nota-se que, ainda hoje, atividades de prática oral quase não são levadas em conta pelos professores, talvez por não perceberem sua

relevância ou não terem formação adequada na disciplina ensinada. Este fator negativo influencia muito o processo de ensino-aprendizagem. Por isso, a valorização dessa disciplina e a formação dos profissionais de ensino de língua inglesa, são os primeiros passos para a obtenção de resultados favoráveis.

Ademais, a escassez de materiais didáticos existente na maioria das unidades escolares também pode contribuir para o desenvolvimento precário das habilidades orais, considerando que recursos audiovisuais, por exemplo, são fundamentais para se trabalhar atividades de *listening* e *speaking* na sala de aula de língua estrangeira.

Outro fator que colabora para o ensino limitado da oralidade na sala de aula é o desinteresse de alguns alunos. É importante investigar as causas desse desinteresse, para, assim, organizar o trabalho pedagógico de forma que atenda às reais necessidades e interesses apresentados pelos aprendizes. No que diz respeito à sala de aula, é importante que o docente evite a mecanização de suas aulas, e busque diversas alternativas de mediação do conhecimento a fim de este seja construído de forma significativa pelos alunos e utilizados em práticas sociais, em situações efetivas de uso da língua inglesa.

O objetivo do ensino de língua estrangeira é formar indivíduos com capacidades de se comunicativas e isso requer um redimensionamento das práticas tradicionais de ensino de inglês. Neste sentido, Schneider (2010) postula que:

ao focar o trabalho comunicativo na sala de aula de língua estrangeira, a gramática perde o papel central e outros fatores passam a exercer o mesmo papel (por exemplo, as intenções comunicativas, os tipos de textos, os temas, etc.) Contudo, a aplicação prática das diferentes teorias mostra que a aquisição da competência comunicativa na língua-alvo também passa pelo domínio e uso de regras gramaticais. Entretanto, estas devem ser introduzidas em um momento didático adequado para não privar o aluno de descobrir as regularidades linguísticas do novo sistema. (p.70).

Observa-se que o ensino de inglês como língua estrangeira, tem por base o trabalho com gramática, em detrimento de outras atividades que privilegiam o uso da língua na forma oral e escrita. O objetivo dessa pesquisa não é apontar qual habilidade é mais importante, e sim, apresentar a relevância da oralidade, que, ao ser relacionada com as outras, faz com que o aprendizado seja completo. Através desta, é possível compreender o uso da gramática na fala e utilizar o que aprendeu teoricamente para estabelecer uma comunicação verbal. Para se ter um aprendizado significativo na língua inglesa, é importante que haja interação em situações reais de comunicação, criando um ambiente natural e favorável para o aprendizado. Assim, entende-se que através do desenvolvimento da prática de

oralidade, os alunos deixam de serem passivos e meros receptores, e se tornam ativos, desenvolvendo a habilidade comunicativa.

A oralidade é conceituada como tudo aquilo que se fala verbalmente, e apesar da importância que ela possui, nem sempre lhe é dada atenção. Um dos principais motivos disso é que ainda há a crença de que a escola é lugar da aprendizagem somente da escrita. Desenvolver essa prática, não é somente propor que o aluno fale qualquer coisa por meio de decoração de frases, mas através de um trabalho consistente e lento, fazendo com que este possa compreender e refletir sobre o que lhe é dito e assim elaborar respostas adequadas. O processo de compreensão oral ocorre em três etapas:

Num primeiro momento o aluno reconhece os elementos linguísticos que já fazem parte do seu repertório de inglês; a seguir, o aluno segmenta o insumo segundo critérios estruturais e/ou de significado; finalmente, relaciona o insumo ao seu mundo (O'Malley, Chamot e Küper *apud* BUSNARDO & ELDASH, 1986 p.88)

Por mais que o ensino do inglês esteja presente nas escolas, nem sempre ocorre de maneira significativa. É comum as aulas serem tradicionais, com o uso preferencialmente do livro didático e memorização de conteúdos gramaticais. Com isso as aulas se tornam mecânicas e com pouco significado para os aprendizes. Pôde-se perceber que essa prática é bastante comum, e foi observada com frequência durante as atividades de estágio supervisionado de língua inglesa no ensino fundamental e médio.

A dificuldade de ensinar e aprender inglês nas escolas públicas também está atrelada à baixa carga horária dessa disciplina. SCHMITZ (2009 p.14) afirma que “a carga horária nem sempre é favorável para a disciplina de língua estrangeira nas escolas públicas. O número de horas é pouco, e o tempo limitado não permite dar atenção igual a todas as habilidades.”

Outro fator que leva ao fracasso desse ensino é a falta de formação do professor. Como a competência comunicativa não é muito exigida nas escolas, ainda é comum a atuação de professores sem competência linguística adequada para trabalhar a oralidade em sala de aula, comprometendo assim o aprendizado do aluno. Ressalta-se, neste sentido, a importância de uma formação docente que dê conta das necessidades e realidades dos aprendizes e que esteja afinada com os objetivos de ensino de inglês que se pretende alcançar ao longo de um curso. Segundo Schmitz (2009):

Se o profissional de língua estrangeira não fizer uso do idioma na sala de aula, ele estará abrindo mão da qualificação que o mais caracteriza e que o distingue de professores de outras matérias: a sua condição de ser bilíngue, de poder transitar entre duas culturas, a materna e a estrangeira. (p.17)

Se o professor de idioma dominar a língua que leciona, ele poderá fazer uso dela para a comunicação, e poderá tornar suas aulas diferenciadas, acostumando os alunos a ouvir a língua falada e também os encorajando a fazer uso da mesma.

Segundo Vilaça (2008, p.85) “o professor precisa estar cada vez mais preparado para não só lecionar, mas também administrar o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. ” Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa exige mais preparo e dedicação do professor, bem como seu domínio de conteúdo.

A prática da oralidade na sala de aula pode contribuir para que as aulas sejam lúdicas e ative o interesse pelo aprendizado, pois através do uso da mesma, podem ser desenvolvidas metodologias que agradem os alunos, como o uso de músicas internacionais, filmes em inglês e vídeos. Assim, eles terão acesso à língua falada e poderão relacioná-la com a gramática estudada. Para isso é necessário que a escola ofereça recursos didáticos que favoreçam o aprendizado da comunicação, pois estes contribuem para a aproximação entre eles e a língua.

A disciplina de língua inglesa, se ensinada com práticas pedagógicas que não são significativas para os alunos pode gerar resistência à aprendizagem e desmotivação. Cabe ao professor aproximar ao máximo a língua estrangeira da realidade vivida, para que eles se sintam motivados, pois os aprendizes costumam, em seu cotidiano, ouvir músicas internacionais, interagir nas redes sociais e assistir a programas estrangeiros. Portanto, o professor pode utilizar esses recursos como ferramentas de motivação para seus alunos. Segundo Rosana Lucas (2010)

Apesar de difícil, compreender a produção oral em uma LE pode se tornar uma atividade viável e até prazerosa, se permitirmos aos nossos alunos executá-la em condições que mais fielmente reflitam as condições em que qualquer ouvinte nativo desempenha funções semelhantes. (p. 113)

Ao ensinar a aprender inglês como língua estrangeira, é necessário que os participantes deste processo tenham objetivos bem delineados, que estejam cientes dos seus objetivos, limitações e como vencê-las. Nesse sentido, Rajagopalan (2003, p. 70) enfatiza que “o verdadeiro propósito do ensino de línguas estrangeiras é formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadãos do mundo”. Com isso, os professores juntamente com as instituições de ensino precisam refletir sobre mundo,

o momento social, político e econômico e conduzir o ensino da língua inglesa de forma que atenda às exigências da sociedade atual e assim, crie espaços mais inclusivos de ensino-aprendizagem.

O processo de ensino-aprendizagem de uma segunda língua é um caminho longo a ser percorrido, exige tempo, dedicação, participação, interesse e capacitação de professores. Permanecer no comodismo pode ser a melhor opção para muitos profissionais, pois desenvolver a prática da oralidade na sala de aula envolve muitos desafios.

Não obstante os problemas relacionados à prática oral aqui mencionados, é possível relatar outras adversidades encontradas pelos alunos. Essas dificuldades são chamadas de fatores linguísticos, e recebem esse nome por estarem ligados a determinadas formas da língua.

Uma dessas adversidades é a impossibilidade de ouvir um discurso mais de uma vez, como anúncios em aeroportos, pois não há possibilidade de interação entre participante e ouvinte. Tal problema ocorre com menos frequência quando emissor e receptor da mensagem encontram-se frente a frente e, concomitantemente, está acompanhando o significado da mensagem. Neste caso, o ouvinte pode interagir e, também, pedindo esclarecimento numa tentativa de mudar a forma de transmissão da mensagem do falante. Quanto ao professor falando em sala, segundo Busnardo-Eldash (1986, p. 89), “esse deve estar atento para as reações dos alunos tais como: expressões de cansaço e demonstrações que indicam se estão ou não compreendendo e, se for o caso, modificar a fala parafraseando, repetindo e checando para melhorar a compreensão.” A dificuldade maior está nos casos em que o ouvinte não tem essa possibilidade de intervenção junto ao emissor como, por exemplo, num noticiário, palestra ou numa conferência em que o discurso continua independentemente de haver ou não compreensão.

Além disso, muitas vezes o que dificulta a comunicação é a linguagem coloquial que se torna difícil para aprendizes de uma nova língua, pois esses possuem apenas informações embasadas em sala de aula e na linguagem dos livros didáticos. Expressões idiomáticas, gírias ou qualquer outro tipo de linguagem que foge da norma padrão, que é a apresentada pelo material instrucional, não constituem um fenômeno apenas de país para país, pois em um único país existem culturas diferentes.

Acerca disso, Jordão (2007) afirma que:

[...] diferentes sociedades e subgrupos sociais possuem diferentes tipos de letramento, e tais letramentos têm diferentes efeitos mentais e sociais em seus contextos sociais e culturais. O letramento é visto como um conjunto de práticas discursivas, isto é, como formas de uso da linguagem, de fazer sentido na fala e na escrita. Essas práticas discursivas estão ligadas a visões de mundo específicas (crenças e valores) de grupos sociais ou culturais específicos. Tais práticas discursivas estão integralmente relacionadas à identidade ou consciência das pessoas envolvidas nelas; uma mudança nas práticas discursivas implica uma mudança de identidade (p. 81)

Causam dificuldades também, as variedades de desempenho linguístico do falante, caso o ouvinte não tenha consciência de que a linguagem natural não é contínua e sim alternada por falsos começos do discurso, pausas, erros e hesitações do emissor da fala. Essas características estão presentes em diálogos face a face, pois possibilitam a tomada do turno da conversa com o ouvinte. São estratégias úteis neste tipo de conversação, já que a dificuldade aumenta muito ao ouvir outra língua falada por um sujeito não presente, o que acontece em um diálogo proposto como atividade de audição e compreensão em sala de aula.

2 RECURSOS DIDATICOS PARA O ENSINO DA HABILIDADE ORAL

O uso do livro didático na sala de aula e as ferramentas tecnológicas auxiliam o processo de ensino-aprendizagem, visto que são fontes de transmissão de conteúdo. Tanto livros quanto ferramentas digitais possibilitam a prática de *listening* e *speaking*, pois possuem propostas de atividade e ajudam na visualização da língua falada.

Anjos (2016) advoga que:

o livro didático de língua estrangeira, além de se configurar em um instrumento de ensino- aprendizagem é também um forte agente cultural que colabora para formação dos sujeitos que com ele se relaciona, intervindo na sua maneira de compreender, sentir e relacionar com o mundo que o cerca. [...] com isso, os conteúdos, valores e comportamentos e atividades que o LD sugere devem estar relacionados com o que pensam os alunos e o com o que é ensinado pelo professor para fazer com que a classe avance na aprendizagem (ANJOS, 2016, p.516).

As ferramentas tecnológicas se bem usadas, são ótimas aliadas para a realização de aulas diferenciadas, devido favorecerem a visualização dos conteúdos de aprendizagem, promovendo aulas diferenciadas e possibilitando melhor contato dos alunos com a língua. Com isso, é necessário que haja investimento na aquisição de recursos educacionais por parte da gestão governamental da federação e da instituição educacional, incluindo livros didáticos e ferramentas tecnológicas. O uso de computadores na sala de aula, aparelhos de som e vídeo, facilitam a transmissão de conteúdos possibilitando que os alunos ouçam a língua falada e vejam através de vídeos, situações reais de comunicação, fazendo com que os alunos se aproximem da língua inglesa.

Sobre a relevância das mídias digitais no ensino de línguas estrangeiras, Anjos (2015), argumenta que:

Privilegiar este mundo significa privilegiar o verdadeiro papel do professor de língua estrangeira que lida diariamente com novos perfis de leitores que estão em contato não apenas com o texto escrito, mas com sons, vídeos, hiperlinks e com a interatividade cada vez mais presente nos meios digitais,[...] permitindo novas formas de representação da linguagem. (ANJOS, 2015, p3).

Se os recursos digitais forem utilizados com objetivos bem delineados, podem colaborar de forma significativa na apropriação da língua inglesa, como o aprendizado de estruturas gramaticais, vocabulário e da prática de escuta e

conversação. Um exemplo de aplicativo é o “Duolingo”, que é de fácil acesso e bastante utilidade.

O livro didático também é uma ferramenta útil de aprendizado, tem a vantagem de ser gratuito e estar presente nas escolas. Essa fonte de ensino-aprendizagem geralmente propõe que sejam trabalhadas na sala de aula as quatro habilidades, dessa forma, relacionar o livro didático com ferramentas tecnológicas colabora para transmissão eficaz dos conteúdos em sala de aula.

A partir de 2011 começaram a serem distribuídos os livros didáticos de inglês e espanhol, pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Tal iniciativa contribuiu para o aprimoramento do processo de ensino aprendizagem de inglês. Vários fatores podem contribuir para boas aulas dessa disciplina, incluindo a presença de livros didáticos e tecnologias digitais. É necessário que

O governo fortaleça o ensino através do aumento da carga horaria, de melhores salários para professores e recursos para essas aulas, **como livros didáticos, recursos audiovisuais e acesso a novas tecnologias**, [grifo nosso] com adequado apoio ao professor. (BARCELOS 2011 p. 157)

O uso de tecnologias na sala de aula é fundamental, principalmente para relacionar os conteúdos teóricos do livro didático com a prática, pois há necessidade de aparelhos eletrônicos para reproduzirem os áudios do CD que acompanham o livro. Dessa forma, relacionar a gramática, leitura e escrita com a compreensão oral e produção oral, se torna uma atividade mais completa, por abranger as quatro habilidades linguísticas. O próprio livro didático apresenta esta proposta, mas é necessário haver recursos tecnológicos na escola que efetivamente seja colocada em prática.

2.1 O papel do material didático no ensino-aprendizagem das habilidades de *listening* e *speaking*

O livro didático é de suma importância para o aprendizado de qualquer disciplina escolar e com a língua inglesa não é diferente. Ele é fonte de conhecimento e facilita o trabalho do professor, já que possui atividades prontas e também propostas de atividades diferenciadas.

A concepção de educação por meio da língua estrangeira que permeia o edital do PNLD 2011 traduz-se na exigência de que as coleções didáticas a serem avaliadas pelo programa promovam o ensino das habilidades de compreensão escrita, produção escrita, compreensão oral e produção oral de forma integrada entre si e com o ensino de gramática e de vocabulário. (LUCIA E TENUTA 2011, p.125)

O programa nacional do livro didático existe há mais de dez anos e inclui a língua inglesa destinando esses livros aos alunos do ensino público brasileiro. O livro didático é essencial para o processo ensino-aprendizagem, pois geralmente define o conteúdo do ano letivo, auxiliando o professor. Embora o livro didático seja uma ferramenta indispensável na sala de aula, ele não deve ser o único meio de transmissão de conhecimento. Também, pode-se fazer uso das ferramentas tecnológicas que, relacionadas ao livro promovem articulação eficaz dos conteúdos.

No Brasil, na década de oitenta, surgem livros didáticos importados, alguns deles contendo abordagem comunicativa. Assim, pode-se perceber que não é de hoje a necessidade de se aprender outras línguas utilizando o material didático como fonte de ensino.

Muitos de livros de inglês enviados as escolas públicas, possibilitam que o professor trabalhe as quatro habilidades linguísticas. Exemplo disso é a coleção “*way to English*” usado no ensino fundamental. Na apresentação desses livros é descrita a importância da língua inglesa bem como os lugares e situações em que essa língua é encontrada e usada.

Você já deve ter percebido a presença da língua inglesa em seu dia a dia – em filmes, músicas, jogos eletrônicos, sites, etc. Na internet, o inglês é bastante utilizado para a divulgação de conteúdos para pessoas do mundo inteiro. Na comunicação entre indivíduos de diferentes países, seja a distância, seja presencialmente, a língua inglesa também é muito usada. Assim aprender inglês é importante para ter acesso a tudo isso e poder participar de interações nesse idioma de forma ativa e crítica. (Paiva e Cláudio 2015, p.3)

Essa coleção didática contribui para a formação dos alunos utilizando a linguagem em diversas práticas sociais, promovendo atividades que envolvem as quatro habilidades linguísticas.

Esta coleção foi planejada pensando em contribuir para sua formação como indivíduo que utiliza a linguagem em diversas práticas sociais. Dessa forma, as atividades foram elaboradas a partir de situações de uso da língua inglesa para que você seja capaz de desenvolver, de forma integrada, as habilidades de ler, ouvir, falar e escrever em inglês. Além disso, a diversidade cultural e a riqueza da variedade linguística são valorizadas. . (Paiva e Claudio 2015, p.3)

Nessa coleção de livros pode-se perceber que as atividades realmente integram as habilidades de *listening* e *speaking*. Há atividades em que os alunos devem escutar o áudio do CD assim, exercendo o *listening*. E há também atividades em que os alunos têm propostas de conversação, tais como pequenos

diálogos que eles podem realizar com os colegas, promovendo a prática do *speaking*.

As seleções dos livros didáticos ocorrem através de seleções feitas por equipes de profissionais que analisam que tipo de conteúdo deve conter nos livros de cada série escolar. Eles se baseiam nos componentes curriculares da língua estrangeira moderna.

O livro didático foi concebido devido à preocupação de oferecer aos alunos o direito de aprender com qualidade. Essa ferramenta propõe que seja trabalhado não apenas a leitura, mas sim, todas as habilidades linguísticas. Por isso, geralmente CDs acompanham os livros, possibilitando o desenvolvimento do *listening* e *speaking*.

As habilidades orais, que têm sido negligenciadas, são conferidas, pelo edital, o mesmo status atribuído às demais. Nessa perspectiva, há um avanço, pois, exige-se que o livro proponha um trabalho mais amplo que aquele voltado para a leitura. (Lucia e Tenuta 2011, p.125)

Os CDs que acompanham os livros possibilitam aos alunos a escuta de pronúncias, e ao relacioná-las com o material impresso facilita o aprendizado de forma que os aprendizes possam ler e ouvir as palavras escritas em inglês.

Apesar dos benefícios trazidos pelo livro didático, somente o uso dele não é a garantia do sucesso dos alunos, nem significa a solução dos problemas relacionados ao ensino de língua inglesa. Ele é uma ferramenta útil se agregada a outros recursos que influenciam o processo de ensino-aprendizagem, como a formação do professor, interesse dos alunos e outros mecanismos de ensino.

2.2 O papel das tecnologias no ensino da habilidade oral

A habilidade oral, pelo menos do idioma nativo, corresponde a pelo menos 50% do tempo diário de comunicação de um indivíduo, pois trata-se do principal meio de instrução em uma sala de aula, por exemplo, a forma mais utilizada no trabalho e em casa. Há o desejo de muitos alunos em desenvolver tal capacidade de compreensão oral, uma vez que a mesma é de suma importância em seus estudos, negócios futuros, carreiras e relações pessoais.

No que se refere a essa habilidade, pode-se afirmar que a mesma é influenciada por várias razões, cuja fonte se encontra “dentro” e “fora” da cabeça. Em um estudo feito recentemente sobre as pesquisas concernentes a habilidade oral do aluno, foi constatado que os fatores que intensificaram essa compreensão

são resumidos em cinco por Rubin (1994, p.199-221): tipo de texto, tarefa interlocutor, processo e ouvinte. Outro fator que pode ser citado é o uso das novas tecnologias de educação.

Nas duas últimas décadas, o ensino de línguas estrangeiras vem recebendo um crescente e valioso auxílio das novas tecnologias de informação e comunicação em ambientes de ensino-aprendizagem. A partir dos anos 90, o computador e outros recursos começaram a serem utilizados intensiva e sistematicamente no âmbito educativo, especialmente por professores e por alunos de línguas estrangeiras.

A produção contínua de programas de computadores voltados para a educação e o avanço em passos largos da tecnologia têm colaborado para o crescimento dos laços entre a educação e a informática. No entanto, é necessário que se tenha reflexão e bom senso acerca do uso das novas tecnologias, principalmente se tratando de um processo complexo como o de ensinar e aprender. As novas tecnologias poderão e deverão ser inseridas no ambiente escolar para tornar as aulas de línguas estrangeiras ainda mais dinamizadas e eficazes, mas isso só será possível quando o seu uso é de forma racional e com discernimento, e com objetivos de ensino bem definidos pelo professor.

O surgimento da rede mundial de computadores, a internet, fez com que as pessoas mudassem radicalmente seus comportamentos. Por meio dessa ferramenta, seus usuários passaram a fazer vários tipos de serviços, como vendas de produtos, bibliotecas virtuais, bate-papos eletrônicos (*chats*), *weblogs*, *e-mails*, listas de discussão (*mainling lists*), redes sociais – com grande número de usuários no mundo atualmente – e outros diversos benefícios oferecidos por essa poderosa ferramenta.

Portanto, hoje em dia, não se pode ignorar a forte relação entre a tecnologia e a educação. Mas isso não quer dizer que o computador, sozinho, substituirá todos os recursos antes utilizados, pois, primeiramente, essa ferramenta precisa ser entendida como mais um agente que irá auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

Assim como todas as outras áreas, o ensino de línguas estrangeiras também tem se beneficiado em peso das novas tecnologias da educação ao ponto de se tornar inimagináveis os ambientes de aprendizagem de idiomas que sejam totalmente desvinculados do mundo virtual e das tecnologias em um futuro próximo.

Na atual era globalizada da informação, uma pessoa pode acessar na rede a informação necessária, o debate correspondente, seguir a linha de pesquisa que lhe pareça mais oportuna, sem o contato e direcionamento do professor. Com isso, o acesso ao conhecimento é facilitado e pode ser desenvolvido com mais autonomia, pois permite a seus usuários a criação ou participação em várias redes de pessoas e grupos que compartilham informações, projetos, atividades e até interesses pessoais sem que haja restrições de tempo, instituição ou meio social a qual pertence e lugar em que vive.

Atualmente, ferramentas ligadas às novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) expandiram o conjunto de recursos que podem agregar no processo de aprendizagem de várias disciplinas, principalmente as de línguas estrangeiras (LE).

Realmente, não é de hoje que o uso de recursos tecnológicos faz parte do âmbito escolar. Cada época na história da humanidade houve uma tecnologia de mais destaque, cada estratégia ou abordagem de ensino de línguas teve o auxílio de uma tecnologia específica (Warschauer; Meskill 2000, p. 3003-308). Assim, não é viável afirmar que nos dias de hoje as tecnologias adentram às escolas dia após dia, uma vez que o recurso do giz e do quadro, por exemplo, é utilizado na maioria das unidades escolares, por isso é possível considerar que também são ferramentas tecnológicas, uma caneta ou um livro.

Portanto, a tecnologia liga-se à educação por vários meios, os métodos e abordagens de ensino de línguas é apenas um deles. De modo geral, a educação e o aprendizado de LE, especificamente, acontecem em um determinado contexto sócio-histórico-cultural e várias das concepções relacionadas às diferentes formas do processo de ensino-aprendizagem aconselham o uso de tecnologias.

Warschauer e Meskill (2000) relatam que, no final dos anos 70, novas abordagens teóricas indicavam uma visão mais cognitiva e social no aprendizado de línguas, dessa forma, os métodos em áudio para comunicação começaram a ser desvalorizados. Laboratórios de línguas cujos métodos de ensino e o espaço físico não favoreciam as interações entre os alunos e o professor e entre os próprios alunos, associadas ao descrédito dos métodos audiolinguais, também cooperaram para os resultados insatisfatórios obtidos a partir dos que tinham valores mais altos (PAIVA 2008). No laboratório ou na sala de aula, os exercícios de repetição e memorização que se davam apenas na forma da língua, ignorando o seu real valor

comunicativo, alcançaram resultados insuficientes, dando lugar a outras abordagens alternativas nos anos 70 e à Abordagem Comunicativa nos anos 80.

A cada nova tecnologia, a escola, especialmente no ensino de línguas, busca inserir essa nova ferramenta nas práticas pedagógicas em uma tentativa de melhorar a mediação entre o aprendiz e a língua estrangeira. Assim, o livro ganhou a companhia do som e da imagem, oferecendo *input* menos artificial. (PAIVA 2009 p. 7)

Resultado de interesses militares dos Estados Unidos, o computador proporciona a interação de diferentes linguagens e associa tanto a tecnologia da escrita quanto as de áudio e vídeo. No que se refere ao seu uso pedagógico, essa ferramenta constituiu, de início, uma extensão natural do trabalho realizado nos laboratórios de línguas, porém, atualmente, é possível encontrar outras formas que caracterizam as diferentes fases da utilização dos computadores para o ensino de línguas, divididas em três etapas por Warschauer e Healey (1998, p.57-71), denominadas *CALL*, *Computer Assisted Language Learning* (em português, Aprendizagem de Língua Mediada por Computador). São as fases: *CALL* Behaviorista, *CALL* Comunicativo e *CALL* Integrativo.

O *CALL* Behaviorista foi concebido na década de 50 e implementado nas décadas de 1960 e 1970, no qual o computador desempenhava o papel do “tutor mecânico que nunca se cansava” (Warschauer e Healey 1998) e servia como um recurso para a realização de exercícios de repetição e prática linguística, já que o principal objetivo era a precisão gramatical da língua alvo. Nesse período, os *softwares* usados para o ensino de línguas eram criados para ensinar através do método de repetição e verificação das respostas dos alunos aos exercícios de vocabulário e gramáticas, tais práticas possibilitavam um *feedback* instantâneo e sem julgamento aos alunos. Esse uso é “consistente com a abordagem estruturalista que enfatizava que a repetição incessante do mesmo material era benéfica ou até mesmo essencial para o aprendizado” (Kern e Warschauer 2000, p. 8).

O *CALL* Comunicativo foi introduzido na década de 1970 e início dos anos 80 como uma reação as suposições teóricas e pedagógicas da abordagem behaviorista presentes na fase anterior (Warschauer e Healey 1998). Nessa fase, os computadores pessoais substituíram os computadores de grande porte, permitindo, assim, maiores possibilidades para trabalhos individuais. O *CALL* Comunicativo enfatizou que as atividades devem dar mais valor aos aspectos no uso das formas linguísticas do que nas estruturas da língua, porém ainda houve o uso do computador como ferramenta para práticas das habilidades linguísticas e isso

possibilitou o incentivo dos alunos a usar a LE e estimular os alunos produzirem discursos com autonomia e que tenha significados para os mesmos, na tentativa de eliminar a prática de manipulação de exemplos pré-fabricados da língua alvo. O *CALL* Integrativo, por sua vez, permitia que os alunos aderissem a atividades em que os mesmos agiriam como colaboradores e colaborados não somente no espaço físico em que se encontravam, pois poderiam, por exemplo, criar uma página multimídia em que teria participação não somente o professor, mas também todos os usuários da internet.

Como destacado por Warschauer (2004):

a realização de atividades significativas on-line está relacionada aos objetivos gerais da aprendizagem de segunda língua/língua estrangeira os quais evoluíram de um foco inicial no aspecto da *precisão* para um foco na *precisão mais fluência*. No século 21, no entanto, é necessário adicionar um novo objetivo: *precisão mais fluência mais agência*. (grifos do autor) (P. 26)

O processo de ensino-aprendizagem de línguas pode atingir vários objetivos simultaneamente com as várias abordagens do *CALL*, a saber: combinar informações linguísticas, sonoras e visuais no aprendizado de LE, sendo, assim, uma rica fonte de *input* na língua alvo e atendendo a diversos estilos de aprendizagem dos alunos. Na atual fase de desenvolvimento do *CALL*, os aprendizes podem relacionar inúmeras atividades contextos distintos, tanto de ambientes físicos quanto de plataformas virtuais, até mesmo aqueles mais mecânicos do tipo *drills* (de repetição) até associação de aplicativos que proporcionam estímulos para discussão e interação, servindo como ferramenta em que os alunos, com o auxílio da internet e outros recursos de multimídia disponíveis, pesquisem, produzam e trabalhem as quatro habilidades da língua. Dessa forma, os aprendizes são capazes de ampliar seus contatos e interações com usuários de todo o mundo, bem como com os materiais autênticos na LE.

Atualmente, tem-se um grande acervo de materiais didáticos impressos e de livros, como também se tem o acesso a *input* linguístico de qualidade através de recursos midiáticos e tecnológicos. Tecnologias mais antigas como a televisão por satélite, o vídeo, o DVD e os filmes de forma geral ainda são meios eficientes de levar *input* linguístico e cultural autênticos para os alunos de LEs. Dessa forma, a ausência de materiais atualizados com fácil acesso não somente a língua inglesa, mas também às várias LEs, deixou de ser um empecilho no processo de ensino-aprendizagem das mesmas.

A internet, juntamente com outras tecnologias mais recentes, oferece *input* em várias línguas além do inglês, entre elas o espanhol, o francês e o chinês (Warschauer e Meskill 2000). Nessa rede, encontra-se uma grande quantidade de sites com conteúdos gratuitos, cujo objetivo é a aprendizagem de idiomas, e páginas destinadas aos usuários em geral que podem ajudar os alunos a não se restringir com discursos isolados, mas sim com enunciados que ultrapassam o contexto escolar, as comunidades mais próximas e até o livro didático, permitindo, assim que eles tenham suas próprias experiências de se relacionar e de ver a língua alvo (Warschauer e Meskill 2000).

Os alunos, hoje em dia, têm informações na ponta dos dedos, pois com aparelhos móveis digitais como celulares *tablets*, *palmtops* e MP3 players, é possível ter acesso e fazer downloads de materiais da internet, tanto arquivos de texto quanto arquivos audiovisuais. O acesso instantâneo e a qualquer lugar desses recursos, faz com que os aprendizes sejam livres das limitações existentes em sala de aula, tais como espaço e tempo. A atual tecnologia além de disponibilizar aos aprendizes uma gama sem precedentes de *input* linguístico variado, também pode apresentar flexibilidade e conveniência na manipulação, acesso e organização das informações.

A existência da exclusividade das formas tradicionais de ensino-aprendizagem não são mais permitida com o mundo informatizado e tecnológico. Formas essas em que há aquisição de informação de forma arcaica (transmissão oral das mesmas pela palavra do professor), horários e espaços fixos definidos também são extintos nessa nova fase, uma vez que essa questão temporal-espacial deve passar por um processo de reforma, visando disponibilizar melhores formas alternativas de aprendizagem aos alunos e professores.

O uso das TICs deve favorecer a colaboração de alunos e professores para que sejam desenvolvidas atividades cognitivas que ocorram em tempos e espaços diferentes, pensados e analisados previamente.

A partir dessa característica interacionista das novas tecnologias, os seus usuários deixam de ser apenas receptores passivos de informações e passam a ser construtores e seletores ativos do conhecimento. Para tanto, é necessário que haja uma reorganização intelectual, uma nova forma de pensamento onde pressupõe que um sujeito reformulado nessas ideias seja capaz de processar uma grande quantidade de informações vindas de diversos meios de informação com rapidez.

3. O USO DE FILMES E SÉRIES INFANTO-JUVENIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE ORAL

Este capítulo destina-se à exploração dos resultados obtidos a partir da análise dos dados coletados na pesquisa realizada com um grupo de estudantes do oitavo ano do Colégio Municipal Castro Alves, no tocante à observação das formas e dos recursos que os estudantes utilizam para aprender inglês, bem como as dificuldades que enfrentam, e as estratégias que fazem uso para superação dessas dificuldades.

A metodologia adotada para este estudo foi a pesquisa-ação, pois foi analisado o contexto de ensino de inglês como língua estrangeira, detectadas as limitações enfrentadas pelos aprendizes e, posteriormente, aplicado um projeto com o objetivo de contribuir para melhoria da situação observada. Segundo Severino (2007)

A pesquisa ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modifica-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas. (p.120)

Tal pesquisa favorece uma análise dos problemas enfrentados e promove reflexões que ajudam a melhorar as práticas, encontrando formas de solucionar as dificuldades ou amenizá-las, pois a ação de uma prática possibilita obter melhores resultados, compreendendo se a ação proposta vai proporcionar bons resultados.

Para obtenção dos dados foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa:

➤ Questionário:

“Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo.” (SEVERINO 2007 p.125). Tal ferramenta foi utilizada na pesquisa para a obtenção de opiniões dos alunos participantes, colaborando para a coleta de informações e ajudando nos resultados obtidos.

➤ Rodas de conversas

Realizou-se uma roda de conversa no segundo semestre de 2017, com duração aproximada de uma hora e meia. As rodas de conversa consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de um determinado assunto, com objetivos pré-definidos, em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo.

MOURA e LIMA (2014, p.101) afirmam que um dos objetivos das rodas de conversa [...] “é socializar saberes, implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta.”

Vale ressaltar que a Roda de Conversas não é um instrumento novo, a novidade consiste em empregá-lo como meio de produzir dados para a pesquisa qualitativa. Nesse sentido, Warschauer (2002, p. 2) explica que os “[...] trabalhos comunitários e as iniciativas coletivas, das mais diversas naturezas, se desenvolvem de maneira semelhante há muito tempo”.

A utilização de materiais extraídos de reais situações de comunicação nas aulas de língua estrangeira, diferentemente daqueles projetados ou adaptados exclusivamente para interesses didáticos, oferecem aos aprendizes a oportunidade de ter contato com expressões linguísticas naturais da língua para que os mesmos sintam-se motivados a criarem formas de melhor compreensão e produção de seus próprios enunciados na LE.

No capítulo 2 deste trabalho, foram mencionados recursos tecnológicos que auxiliam na prática oral de Língua Inglesa. Nesse tópico, trataremos exclusivamente da TV do DVD, uma vez que a utilização destes na sala de aula permite mais oportunidades para o uso de materiais mais autênticos, que apresentam situações reais de uso da língua, pois são mais eficazes que os textos, bem como os CDs que normalmente são utilizados nas aulas de LE. Esses recursos apresentam uma grande variedade de elementos audiovisuais que se associam entre si, promovendo assim, o desenvolvimento da linguagem oral. Os filmes e séries na sala de aula de LE possibilitam que alunos se motivem a praticar as habilidades orais de forma mais autônoma. Como sugere Price (1998, apud Spanos e Smith, 2003:3): “o uso de filmes legendados faz com que haja melhorias tanto no que se refere à habilidade de leitura, quanto na aquisição de vocabulário, visto que estes mostram diferentes contextos em que se pode usar algumas palavras”. Acerca do uso de filmes legendados no ensino de LE, Diaz-Cintas (apud Cayuela, 2001:160) argumenta que:

Sem dúvida nenhuma, ver e ouvir filmes legendados pode contribuir não só para o desenvolvimento de habilidades linguísticas, mas também para o aprendizado de elementos culturais de um modo bastante lúdico. A imagem permite observar elementos reais de comunicação como a relação entre língua e gestos. A informação sonora contribui tanto para a entoação, como para a pronúncia de palavras, as quais são importantes em idiomas como o inglês. As legendas, por sua vez, são redundantes na dimensão semântica e ajudam a ampliar o vocabulário do aprendiz. P.160

O desenvolvimento da oralidade da língua inglesa na sala de aula é essencial para o aprendizado completo da língua, visto que, relacionadas às demais habilidades linguísticas, favorecem ao aluno uma maior compreensão da língua.

3.1 Utilizando a série “*Raven’s Home*” como ferramenta de ensino/aprendizagem

Cientes da importância de investigar a habilidade oral de língua inglesa no ensino fundamental, foi realizada no segundo semestre de 2017 a aplicação do trabalho de campo que consistiu na aplicação de um projeto, envolvendo doze alunos, sendo sete meninas e três meninos, do 8º ano “A” do Colégio Municipal Castro Alves, localizado em Posse-Goiás.

Foi trabalhada com os estudantes, uma série americana intitulada, *Raven’s Home*. Trata-se de uma série de comédia liberada para todo o público. Foi escolhida por se tratar do gênero comédia que normalmente agrada diferentes públicos, crianças e adultos e também por não haver restrição quanto à idade. *Raven’s Home* foi lançada nesse ano de 2017 apenas nos Estados Unidos, é uma série ainda em andamento, trata-se de um *spin off* (*derivado*) da série *As Visões da Raven*, (*That’s so Raven*), que foi produzida pela *Disney Channel*, mas ganhou conhecimento popular ao ser exibida pela emissora de televisão SBT.

Em *Raven’s home*, a protagonista Raven Baxter está divorciada e com filhos gêmeos, sendo uma menina e um menino, Booker e Nia. Sua amiga Chelsea também está divorciada e com um filho, Levi e ambas estão morando juntas em um apartamento e, com seus filhos, formam uma família divertida e unida. O apartamento vira uma bagunça, pois o filho de Raven, Booker, descobre que também possui as mesmas habilidades psíquicas da sua mãe, embora ambos ainda não saibam das visões um do outro, pelo menos não nos primeiros episódios. A referida produção da Disney, além de ser um ótimo recurso para a prática da habilidade oral, também aborda temas e conflitos vividos por alguns ou por todos adolescentes, tais como: divórcio dos pais (novo conceito de família), conflitos de sentimentos, dificuldades financeiras.

Assim, os temas fazem com que os espectadores se divirtam ou se emocionem, reflitam, compreendam bem, uma vez que muitos ou todos os adolescentes já vivenciaram ou vivenciarão um dia, e fiquem bem atentos aos episódios, o que é fundamental para quem quer praticar a habilidade oral, visto que exige atenção. Especificamente para este estudo foram utilizados os três primeiros episódios da primeira temporada intitulados: *“Baxter’s back”*, *“Big trouble in little in apartment”*, *“The baxters get bounced”*, respectivamente. Cada episódio possui cerca de vinte e dois minutos de duração, são exibidos em inglês com legenda em português. No quadro a seguir, são apresentadas breves sinopses dos episódios utilizados na pesquisa.

Quadro 01- Sinopses dos episódios trabalhados

Título do Episódio	Sinopse do episódio
<i>“Baxter’s back”</i>	1º episódio da 1ª temporada: Booker recruta Levi e Tess para ajudá-lo a convencer Nia de suas novas habilidades de ver o futuro. Enquanto isso, a última visão de Raven envolve um desentendimento familiar que a leva a interferir na vida de seus filhos na escola.
<i>“Big trouble in little in apartment”</i>	2º episódio da 1ª temporada: Sem que Raven soubesse, Nia começa a sentir que seu apartamento não é grande o suficiente para todos e vai até seu pai, Devon, para pedir ajuda.
<i>“The baxters get bounced”</i>	3º episódio da 1ª temporada: Quando o senhorio Sr. Jablonski aumenta o aluguel de Raven depois de saber que Chelsea e Levi se mudaram, Nia e Booker tentam fazer uma venda de garagem para ajudar sua mãe.

Fonte: Site www.bancodeseries.com.br

Vale ponderar que houve alguns problemas antes da aplicação do projeto, o colégio no qual pretendíamos trabalhar encontrava-se sem espaço físico para tal atividade, foi necessário confeccionar bilhetes para os pais dos alunos, pedindo autorização para que os mesmos fossem no contraturno, à Universidade Estadual de Goiás, Campus Posse, para participar desta atividade. Para tanto, foi acertado com a professora da instituição que os alunos que participassem, seriam avaliados e ganhariam alguma pontuação na média bimestral, o que resultou em um maior interesse por parte dos alunos. Esse método é denominado como reforço positivo pelo psicólogo behaviorista Skinner (1948: 168-172):

Quando se diz que o reforçamento é contingente à resposta, isso significa apenas que ele vem logo após a resposta. Pode vir após a resposta em virtude de uma conexão mecânica ou devido à mediação de outro organismo; mas presume-se que o condicionamento ocorre por causa da relação temporal em termos da seqüência e da proximidade da resposta e do reforçamento. p.(168-172)

A atividade foi realizada em uma sala de aula desta Universidade. Para tanto, foram utilizados um *notebook* e uma televisão para assistir os episódios e dois celulares *smartphones* para a gravação de vídeo e áudio e captura de fotos do desenvolvimento da atividade.

Foi observado que todos os alunos demonstraram interesse pela série, pois durante a exibição se mostraram envolvidos com as histórias. Ao terminar o segundo episódio, os alunos lamentaram que só faltava mais um episódio para ser assistido, afirmaram ter gostado da série e que foi fácil a compreensão da mesma. No final da atividade foi aplicado um questionário para todos os alunos presentes, para averiguar a opinião dos mesmos sobre a prática oral em Língua Inglesa, conhecer as dificuldades enfrentadas pelos alunos e qual solução eles consideraram melhor para superar as dificuldades. Foi feita também uma roda de conversa com o objetivo de conhecer a opinião dos estudantes acerca da relevância da atividade desenvolvida.

3.2 Resultados e discussões

Os resultados do questionário serão mostrados através de gráficos e as informações da roda de conversa serão transcritas. Na roda de conversa foi possível, trocar opiniões com os alunos, acerca do aprendizado de língua inglesa e do projeto aplicado.

Nos trechos da roda de conversas apresentados a seguir, serão utilizados apenas as iniciais dos alunos participantes. Quanto às perguntas do questionário, estão dispostas na ordem cronológica em que se deram as discussões. As perguntas feitas pelos pesquisadores estão destacadas em negrito, conforme os relatos seguintes.

Apresentamos no Quadro 2 seguinte, as convenções que foram adotadas para transcrição das falas dos alunos:

Quadro 2 – Convenções para transcrição

OCORRÊNCIA	SINAL
Pausa/hesitação	...
Comentários do Pesquisador	()
Sons ou ações	[]
Letra maiúscula seguida de ponto (ex.: L.)	Inicial do nome próprio de participante da aula
P1	Pesquisador 1
P2	Pesquisador 2
As	Mais de um aluno ou aluna
Q	Questões

Fonte: ANJOS, Maria Elizete P. dos. Dissertação de Mestrado. *Estratégias de Tradução em um Curso de Licenciatura em Letras: uma análise sob a perspectiva de Andrew Chesterman*. IELT. UEG, 2017. 167 fls.

A primeira pergunta se refere à opinião pessoal dos participantes em relação à série assistida, bem como a aquisição de vocabulário ao usar esse tipo de recurso. Aqui, os discentes expuseram que há possibilidade em aprender e tornar-se fluente em uma língua estrangeira e ainda se divertir enquanto aprende. É possível alcançar um ensino de qualidade e que consiga ir ao encontro dos interesses e necessidades do aprendiz ao mediar a construção do conhecimento através do lúdico. Vigotsky (1994, p. 81), acerca do lúdico, relata que:

De uma forma geral o lúdico vem a influenciar no desenvolvimento da criança, é através do jogo que a criança aprende a agir, há um estímulo da curiosidade, a criança adquire iniciativa e demonstra autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração.

As proposições de Vigostky (1994) podem ser comprovadas por meio das declarações de algumas alunas participantes da pesquisa, conforme trecho seguinte:

Q. 1: O que você achou da série?

As: Bem legal e engraçada.

L. N.: A série é muito boa e divertida... descontraí bem, e... dá *pra* aprender bem o inglês.

É percebido que os alunos apreciaram a série apresentada, pois os mesmos mostravam contentamento por estar aprendendo inglês e se divertindo ao mesmo tempo.

A segunda pergunta consiste em saber se, com o uso contínuo de recursos midiáticos com produções audiovisuais como filmes e séries, o aprendiz consegue

absorver mais vocabulário, corrigir a pronúncia ou tornar-se mais fluente em língua inglesa. A esse respeito, Spanos e Smith (1990) dizem que:

O uso de filmes proporciona uma inovação. Pessoas de todas as idades e contextos educacionais parecem ser atraídas pela televisão, e uma grande quantidade de programas de TV e fitas legendados podem ser usados de acordo com temas e objetivos curriculares específicos.

Q. 2 Você acha que com o uso contínuo de séries é possível aprender inglês, melhorar a pronúncia, vocabulário?

L. N.: Sim, porque na série não fala palavras muito difíceis, fala palavras do nosso dia-a-dia e... a gente vai acostumando com o que fala também e vai aprendendo.

As. (Palmas) Parabéns, Lucas! É isso aí!

C. C.: Concordo com ele, com tudo que ele falou.

O aluno L.N. demonstrou-se bastante interessado por aulas assim, com uso de mídias digitais. O mesmo não se importou em ser filmado expondo sua opinião. Todos os alunos o aplaudiram e concordaram com ele. Vale ressaltar que os alunos davam respostas curtas para os questionamentos feitos, por mais que os pesquisadores os instigassem a responder. Isso possivelmente ocorreu pelo fato de toda a ação estar sendo gravada, mas, mesmo com respostas tão objetivas, os discentes muito contribuíram para a realização da pesquisa, o que não comprometeu o alcance dos objetivos delineados para este estudo.

Q. 3 Você conseguiu perceber a pronúncia de alguma palavra em inglês? Se sim, qual?

As: Sim!

D.C.: sim. Um exemplo é *mother*, que ele fala com a mãe dele toda hora.

G.P: *families, friend, morning...*

L. N: O que quer dizer “Whooo whooo”?

P.1: É apenas uma palavrinha (onomatopeia) divertida na música delas, de forma que elas dançam.

[P.1 Tenta dançar igual e todos riram.]

Percebe-se que palavras simples e vistas no dia a dia na escola como “*family*”, “*friend*” e “*mother*”, foram percebidas auditivamente pelos alunos, evidenciando assim, a importância de relacionar a língua escrita com a falada, para que os alunos pudessem reconhecer numa conversação, o vocabulário estudado. Foi percebido também o interesse em saber o significado de uma expressão que soou aparentemente de forma estranha, mesmo com a legenda, a palavra ainda não parecia ter sentido no contexto em que estava sendo utilizada.

Q. 4 Como você acha que seria o aprendizado de inglês na escola se fossem utilizadas ferramentas como essa?

M. E.: Seria... A gente aprenderia mais rápido, não seria cansativo, seria mais divertido e... tipo assim, na hora de fazer uma prova a gente lembraria mais assistindo uma série.

L. F.: Sim... pois vamos acostumando e adaptando a falar em inglês.

É notável o desejo dos alunos em terem na escola aulas diferenciadas, que sejam prazerosas e que despertem o desejo de aprender.

Q. 5- Você acha que essa é uma boa forma de aprender inglês na escola?

C.C.: Sim, porque além de ser atrativo e muito interessante, a gente se apega e vê palavras do dia a dia lá, então a gente vai pegando a forma de falar inglês. Eu acho que ajudaria a gente muito na sala de aula.

Segundo os alunos participantes, atividades como esta, ajudariam no aprendizado, pois acostuariam a escutar a língua inglesa e estimularia a conversação. Mediante essa afirmação foi observado que alguns dos alunos se sentiram motivados a estudar e a falar em inglês, tanto que, em alguns momentos, ficavam proferindo palavras aleatórias e imaginárias, porém de forma tímida para que não fosse percebido, como se estivessem comunicando em Inglês.

Q. 6- Você acha que é possível aprender a falar inglês através de filmes e series por exemplo?

As: Sim!

T.F: Sim, basta treinar, escutar e falar...

D.C.: Sim, eu acho que, além de melhorar a pronúncia, ajudar a pronunciar as palavras que são mais difíceis e ainda entender o significado delas né?

Os estudantes afirmam que com o estudo contínuo do inglês, é possível ter uma compreensão melhor da língua falada, aprimorando a habilidade oral. Na concepção dos alunos, o aprendizado é uma questão de acostumar-se a ouvir a língua, depois repetir, e, por fim, colocar em prática o que aprendeu.

Q. 7- Você usa a língua inglesa fora da escola?

A. K- Sim, eu gosto de cantar musicas

G.S- sim, com vídeo aulas, musicas, etc.

Sabe-se que a língua inglesa faz parte do cotidiano de muitas pessoas, com esses alunos a situação não é diferente. Eles escutam músicas em inglês, assistem a vídeos, filmes e séries. Não obstante serem leigos no que se refere ao processo de aquisição de uma nova língua, os discentes tem consciência de que podem se tornar falantes fluentes se utilizarem esses recursos aqui mencionados. Eles afirmaram que ao escutarem uma mesma música por diversas vezes, por exemplo, serão capazes de adquirir vocabulário, bem como acostumarão a ouvir o idioma estrangeiro e, assim, o mesmo não se tornará mais estranho toda vez que o ouvir novamente.

Q. 8- Na aula de língua inglesa quais são os recursos utilizados pela professora?

C.C.: Na maioria das vezes usamos data show, raramente usamos a tv, e todas as vezes a professora lê em inglês e traduz para nós e também o dicionário.

Numa sala de aula diversos desafios podem ser encontrados e estes podem comprometer a realização de aulas diferenciadas de inglês. Schmitz (2009, p. 14), advoga que “a carga horária nem sempre é favorável para a disciplina de língua estrangeira nas escolas públicas. O número de horas é pouco, e o tempo limitado não permite dar atenção igual a todas as habilidades.”

Ademais, a falta de espaço físico na escola, também compromete a realização de atividades diferenciadas, com o uso de recursos diversificados. Isso ficou evidente no momento da realização da atividade prática desse estudo. Problemas semelhantes a este são muito comuns nos contextos da escola pública, o que faz com que professores de língua inglesa façam do livro didático o fio condutor de todas as suas aulas, pois normalmente é o único recurso de que têm acesso.

9- Na sua opinião as mídias digitais ajudam a aprender inglês?

C.C.: Sim, muito. Porque é muito avançado nos dias de hoje. A gente praticamente começa a decorar algumas palavras, principalmente nas músicas.

A.E.: Sim, pois elas falam o inglês e lemos ou ouvindo e vai aprendendo.

I.V.: Sim, ajuda com o desenvolvimento da fala do inglês também quando a gente escuta alguém falando.

Para os alunos, as mídias auxiliam no aprendizado uma vez que possibilitam a visualização da língua falada.

11- Você sente dificuldade em aprender inglês?

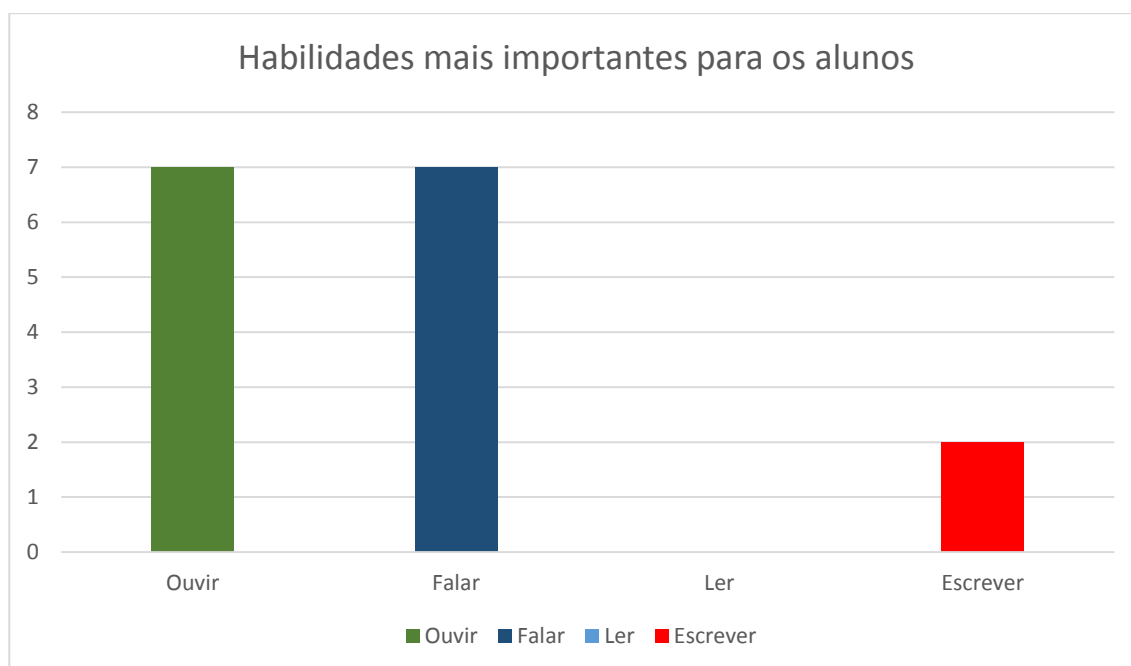
I.V – Sim devido a falta da prática do inglês no dia a dia

12- Como você superaria essa dificuldade?

I.V: Praticar o inglês no dia a dia.

Não colocar em prática a língua inglesa estudada, colabora para o aumento da dificuldade dos alunos, por mais que seja uma língua que está presente em diversas situações, se não houver estudo, comprometimento e prática, dificulta um bom aprendizado. “Ninguém vai se sentir motivado se, ano após ano, ficar memorizando regras gramaticais e fazendo os mesmos exercícios cansativos e sem sentido.” (PAIVA 2009, p. 38). É essencial que os estudantes estejam cientes da importância do estudo, saber a finalidade, e funcionalidade da língua estudada em situações cotidianas. Para isso é necessário que saibam da importância da língua inglesa e o seu papel na atualidade. Além disso, as aulas precisam despertar interesse nos alunos, para que os mesmos tenham maior proveito tanto ao estudar na sala de aula, como em casa.

Além da roda de conversa já transcrita anteriormente, foi aplicado também um questionário para melhor averiguação das opiniões dos discentes, as informações foram datadas em gráficos para melhor compreensão dos resultados. A primeira questão feita buscou investigar quais habilidades linguísticas os alunos pensam ser mais importantes.



Percebe-se que os alunos consideram como mais importante as habilidades de ouvir e falar. A habilidade de escrever fica em segundo lugar na opinião dos estudantes, sendo apontada por apenas dois alunos como importantes de serem aprendidas. A habilidade de leitura não foi citada por eles, mesmo sendo bastante trabalhada nas salas de aula. Apesar de não ser mencionada pelos alunos, sabe-se que a leitura ocupa papel fundamental no aprendizado de uma língua estrangeira, conforme argumenta SCHMITZ (2009)

O que se pode depreender desse estado de coisas é que a leitura em língua materna ou estrangeira é um trabalho de vida. Ela começa na escola, e a atividade de leitura continua ao longo da vida. Diria que os que param de ler, param de pensar e refletir. A prática de leitura tem que ser constante.(p.16)

Todas as habilidades linguísticas são de extrema importância para a comunicação, uma completa a outra, e é importante que sejam desenvolvidas em

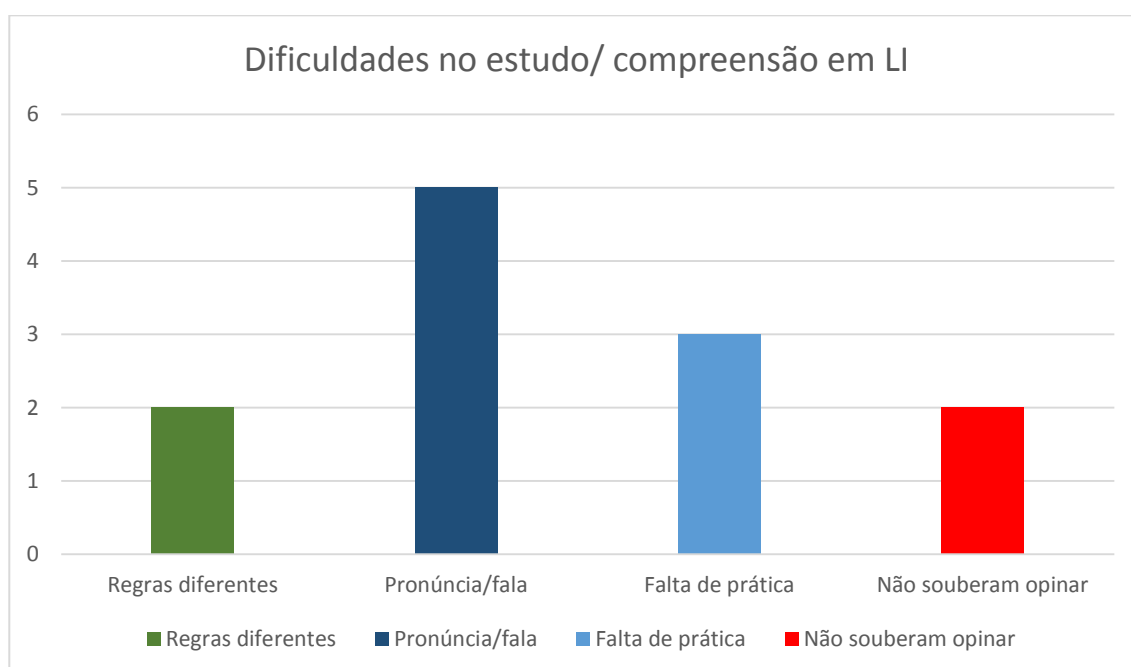
conjunto. Dessa forma, as produções audiovisuais (séries, filmes, reportagens, entrevistas, documentários), quando assistidas em seu idioma original e acompanhadas de legendas, cooperam para esse desenvolvimento em conjunto das habilidades linguísticas, uma vez que o indivíduo terá acesso simultâneo a vários recursos utilizados nessas produções.

Montrezor e Silva (2009) afirmam que

Um novo idioma só é realmente compreendido a partir do momento em que o aluno passa a entender os conteúdos comunicativos da língua e não somente seus aspectos gramaticais. Ou seja, só realmente tem-se o conhecimento da língua quando se conhece a cultura do povo. A gramática precisa ser apresentada ao aprendiz de forma que ele veja a finalidade do aprendizado e saiba como usufruir da nova língua para seu crescimento profissional e pessoal. (p.31)

Dessa forma, a pergunta seguinte, apresentada em gráfico, buscou conhecer as principais dificuldades na aprendizagem enfrentadas pelos estudantes quanto ao estudo/compreensão de discursos em língua inglesa bem como a gramática. Nessa questão, eles abordaram os motivos e/ou habilidades que mais dificultam suas práticas de estudo e compreensão em LI.

Tais dificuldades abrangem as diferentes regras da língua-alvo, nesse caso a língua inglesa, como também as dificuldades de identificação das palavras ou frases ditas nessa língua, visto que os estudantes não tem conhecimento da existência de variação linguística e dos diferentes sotaques, pois imaginam que só existe o inglês americano e que todos falam uniformemente. A falta de prática também é uma vilã que entra nessa lista. Observe o gráfico abaixo.



Muitos alunos apresentam limitações no aprendizado de inglês. Diante disso, é essencial identificar, mapear e desenvolver estratégias que possam auxiliar os estudantes na superação destas dificuldades. Dois alunos pontuaram como dificuldade no aprendizado do inglês, o fato de as construções gramaticais serem diferentes. De acordo com estes estudantes, o convívio com as regras gramaticais na língua portuguesa diariamente, dificulta a apreensão da estrutura gramatical de outra língua. Uma hipótese para a solução desse problema é, ensinar a gramática da língua inglesa de forma contextualizada, estabelecendo relações de comparação e de contraste com a língua portuguesa.

Entretanto, a maioria dos alunos afirma que a maior dificuldade que enfrentam, é pronunciar as palavras em língua inglesa, pois não possuem o hábito de ouvi-las e para assim, aprenderem a forma correta de falar. T.F., uma das alunas, afirma

T.F.: Eu tenho dificuldades em falar porque algumas palavras são difíceis de pronunciar, mas eu tenho facilidade de aprender, então se eu treinar e aprender tenho a facilidade de falar inglês.

Se os alunos tivessem um maior contato com a língua inglesa, ouvindo-a em seu dia a dia, o aprendizado ocorreria mais facilmente. Filmes, séries e músicas por exemplo, são formas de aprender pronúncias e aos poucos ir sanando as dificuldades. “Sem oportunidades para ouvir e falar, o aluno tende a se esquecer das regras gramaticais que aprendeu e internalizou”. (SCHMITZ 2009, p.14)

Não ter contato com a língua a ser estudada compromete o aprendizado, pois é impossível a apropriação de uma segunda língua sem constante contato com a mesma.

G.S: porque a vida toda foi escutando somente o português, então fica, meio difícil de adaptar a uma língua depois de já estar alfabetizada.

Segundo a aluna I.V. A dificuldade dela em aprender língua inglesa está no fato de não praticar inglês no dia a dia. Depreende-se então que com a prática o aprendizado é aprimorado.

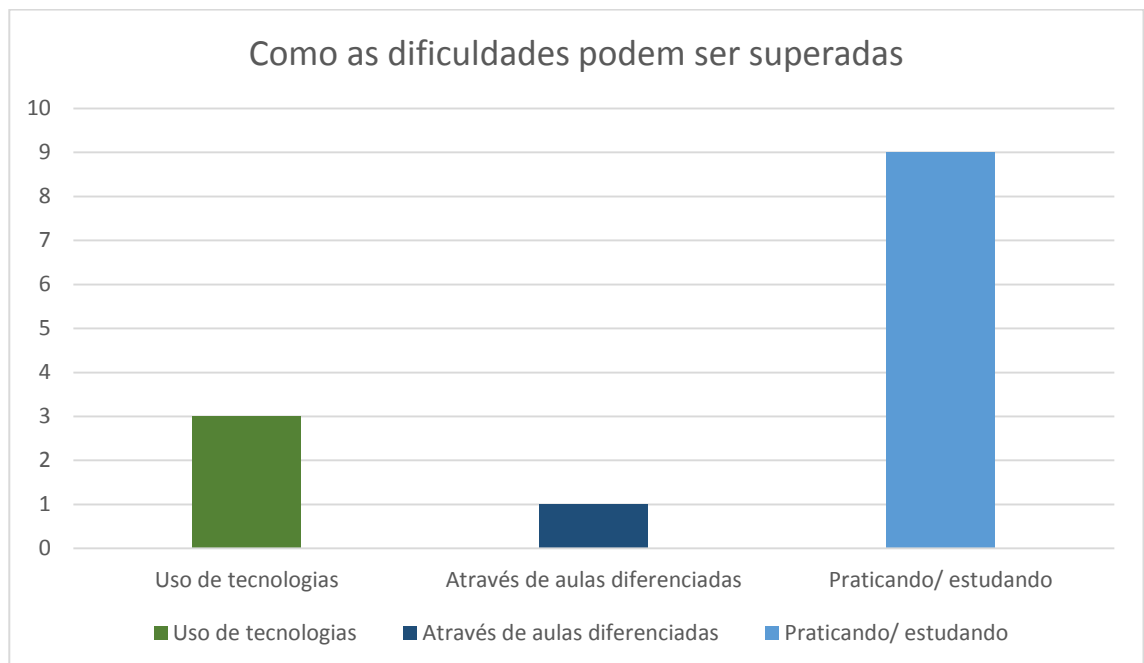
Os alunos que afirmam ser a falta de prática, também apontam que há a falta de estudo e dedicação por parte deles. Se os alunos não tomam para si a responsabilidade pela aprendizagem, estudando e aprimorando de forma autônoma, eles também tem responsabilidade nos seus insucessos, uma vez que na sala de aula não há tempo suficiente para desenvolver um aprendizado significativo. Neste sentido, é imprescindível que os estudantes desenvolvam estratégias peculiares de

estudo, já que, a maioria possui meios para isso, como os livros, computadores e celulares com internet.

Este estudo evidenciou que alguns aspectos que podem se tornar dificuldades para os alunos são “timidez, o medo de errar, o uso inadequado do material didático e eletrônico, metodologia inadequada, a aparente falta de praticidade da língua alvo, o grande número de alunos numa sala de aula, falta de interesse por parte do aluno e do professor.” (ANJOS 2011)

Após investigar quais são as dificuldades enfrentadas pelos estudantes na língua inglesa, a questão seguinte buscou compreender como eles buscariam superá-las. Nessa questão os alunos teriam que ser sinceros ao reconhecer suas limitações como também os caminhos que podem percorrer para conseguirem obter resultados profícuos no que se refere às adversidades que impedem a compreensão e o estudo em LI.

Soluções como o uso de tecnologias, aulas diferenciadas, prática e estudo da língua, foram apresentadas pelos alunos, como é possível observar no gráfico abaixo:



Grande parte dos alunos classifica como melhor forma de superar as dificuldades, praticar/estudar a língua inglesa, tanto em casa quanto na escola. Conforme já mencionado, estudar somente na escola, acaba deixando a desejar o

aprendizado de uma segunda língua. Somados a isso, encontra-se nos contextos de ensino de língua inglesa alguns fatores que colaboram para o insucesso na aprendizagem, conforme argumenta Amaral (2009)

Um número elevado de alunos dificulta o trabalho de gerenciamento e de monitoração do professor, além de favorecer a existência de níveis de proficiência distintos em uma mesma turma. Sendo a carga horária semanal destinada a inglês, geralmente, 100 minutos distribuídos em duas aulas em que nem sempre são geminadas, a tarefa de ajudar muitos alunos a aprenderem a língua estrangeira se torna complicada. Além disso, muitas escolas públicas não dispõem dos recursos físicos necessários para a condução adequada de aulas de línguas estrangeiras, como por exemplo, equipamentos audiovisuais e livros didáticos adequados, que geralmente são caros por serem publicados no exterior. (p. 28)

Pode-se perceber que há vários problemas que impedem um bom processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa. Na aplicação do estudo de campo, houve problemas como falta de tempo por parte dos alunos, por estarem ocupados com provas, atividades extraclasse de outras disciplinas.

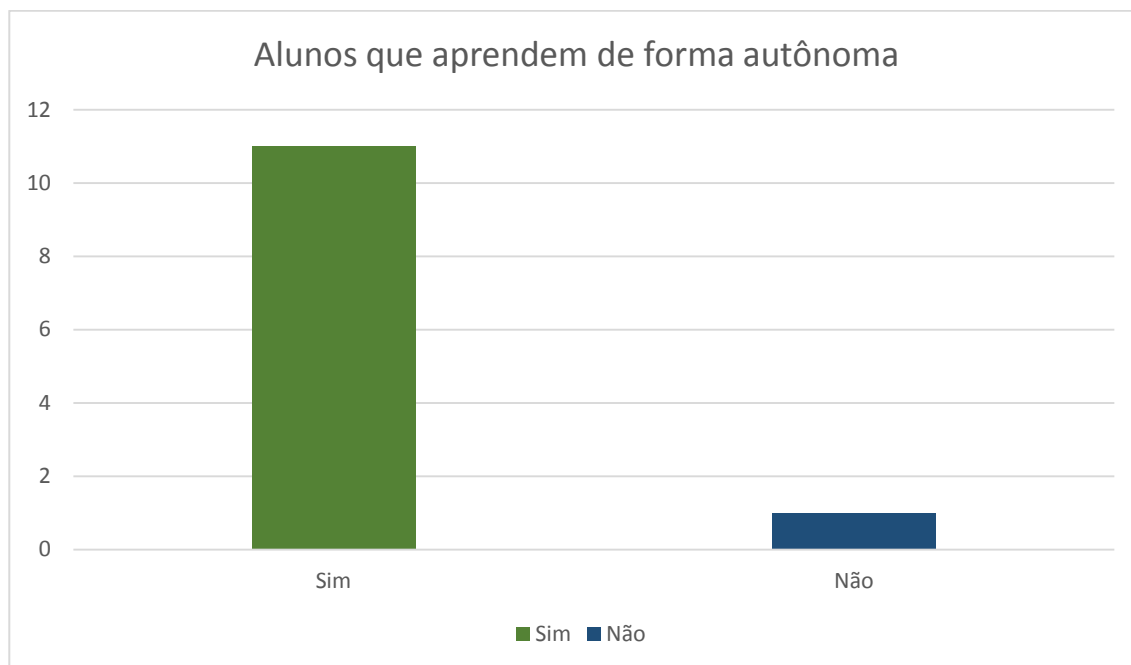
Nessa questão, alguns alunos explicaram como superaríamos essa dificuldade.

L.F. : estudando e treinando a língua inglesa.
 G.P. através do celular e dedicação
 L.N. prestando atenção nas aulas e estudando
 T.F. com treinamento
 G.S.: com mais aulas diferentes e uso da internet.
 M.E.: escutando, aprendendo a falar
 I.V.: praticando mais o inglês no dia a dia
 A.K.: vendo vídeos aulas e treinado em casa
 D.C.: praticando mais o inglês e praticando a fala
 A.E.: Estudando e treinado muito o inglês
 C.C.: praticar várias e várias vezes na escola quanto em casa.

Devido à pouca experiência com o idioma estrangeiro, os alunos, ao tentar aprender, enfrentam dificuldades adicionais, tais como: reconhecer palavras no encadeamento da fala (ao invés de isoladamente), a dificuldade que se lhe apresentam palavras e estruturas sintáticas novas, dificuldades de interpretação causadas pela falta de conhecimento dos discursos de como são organizados e apresentados na cultura estrangeira os diversos gêneros orais.

Anjos (2017, p.93 *apud* HATGIE-FAGGION, 2011), enfatiza que “uma língua é a expressão cultural de uma cultura, e por isso, muitas palavras de uma dada língua estão conectadas com essa cultura, e, por isso, também criam muita dificuldade quando precisam ser transferidas em sua totalidade para outra língua”.

No entanto, os alunos apontam como a melhor forma de superar as dificuldades, estudar mais e praticar, tendo contato mais próximo com a língua inglesa.



Desenvolver a autonomia de estudar sem o auxílio do professor, pode ser uma tarefa difícil, mas nessa turma de alunos participantes do projeto, onze alunos declaram que estudam sozinhos, e somente um aluno que não. Os alunos precisam ser motivados a estudar de forma autônoma, principalmente se tratando de uma língua estrangeira, que exige muito esforço. Sobre isso, Paiva (2009) defende que:

(...) o aprendiz de uma língua estrangeira quando motivado, usa essa língua para fazer alguma coisa fora da sala de aula: ouvir programas de rádio e TV, compreender falas em filmes, brincar com jogos eletrônicos, e, em alguns poucos casos, interagir com estrangeiros. (p. 33)

O inglês está presente também fora da escola, em diversos lugares e situações, facilitando o contato dessa língua com os alunos. Dessa forma, quanto mais aproximar a língua inglesa da realidade vivida por eles, melhor será o ensino/aprendizagem. Segundo Anjos (2011)

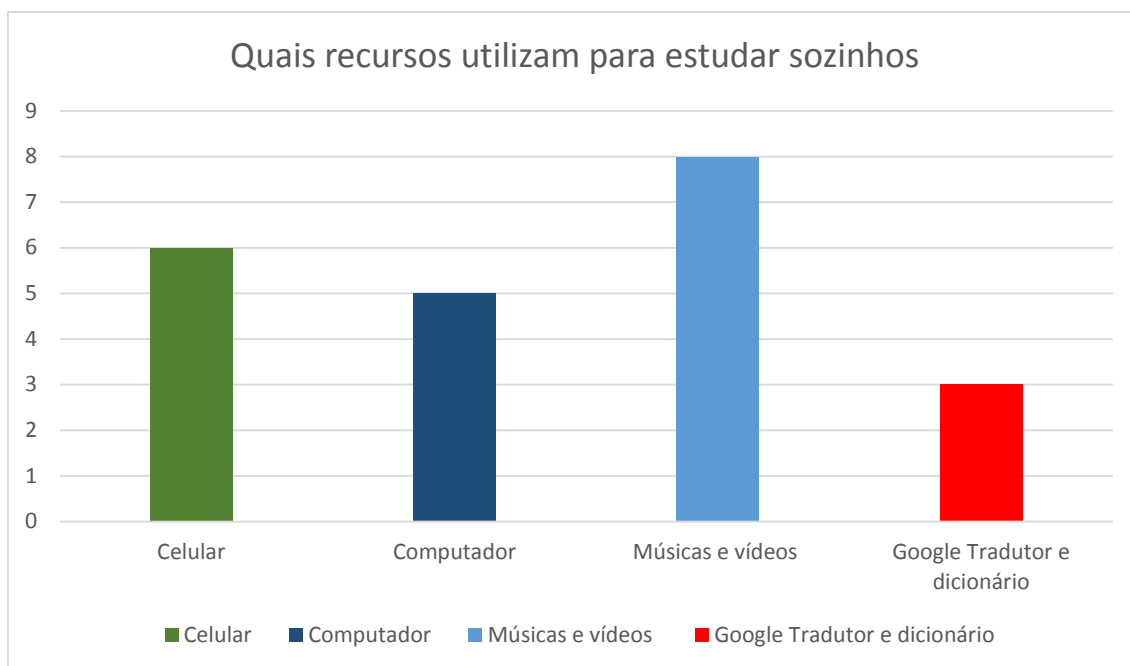
A eficácia pedagógica dependerá principalmente da ação desenvolvida em sala com os alunos, pois é o professor quem tem a posição privilegiada de negociar, sugerir, incentivar e orientar as mudanças necessárias para que o processo de aprendizagem, como um todo, funcione de modo harmônico e produtivo.

É fundamental o papel do professor na motivação dos alunos, no incentivo ao estudo autônomo, para que os mesmos possam melhorar seu desempenho na escola. “Um aluno autônomo sabe que tem um papel ativo a cumprir em seu processo de aprendizagem. Assim como qualquer capacidade, a autonomia deve ser desenvolvida no aluno.” (PAIVA 2005, p.32) um aluno com autonomia entende que, ele é o maior responsável pelo seu aprendizado, ele sabe quais são suas necessidades e habilidades. Dessa forma, segundo Paiva (2005)

O desenvolvimento de alunos autônomos deve ser incentivado pelo professor para que o aluno possa direcionar sua aprendizagem de forma a que este, gradativamente, deixe de precisar do professor para resolver tarefas, sejam elas dentro ou fora de sala de aula. Através de atividades que promovam o desenvolvimento de autonomia, o professor estará levando seu aluno (a) a tornar-se um indivíduo que entende que a aprendizagem é um processo de natureza cooperativa – professor, aluno e colegas trabalham juntos. (p.34)

Após investigar se os alunos estudam sozinhos, a próxima questão buscou conhecer quais as formas que os alunos utilizam para estudarem. Nessa parte do questionário, os estudantes foram respondendo e surpreendendo com suas próprias respostas, pois os recursos utilizados pelos mesmos fazem parte do cotidiano de todos e o aprendizado ocorre de forma quase imperceptível por eles. Os alunos afirmavam quantas vezes eles identificavam palavras conhecidas utilizando o computador, celular, ouvindo músicas e assistindo aos vídeos, pesquisando em Google Tradutor e/ou dicionário. Essa percepção se dava pelo fato de que as palavras já foram aprendidas em um determinado contexto e quando precisaram delas, elas apareceram.

No gráfico abaixo foram destacados quais recursos que os aprendizes mais utilizam quando estão estudando sozinhos.



A tecnologia está imersa na vida das pessoas de forma bastante intensa, seja usando computadores, ou até algo mais portátil como celulares e *tablets*. Tais recursos são bastante úteis no processo de ensino/aprendizagem pois, facilitam a visualização da língua falada, como no caso de vídeos, filmes e séries, é possível vivenciar situações reais de comunicação. A utilização de músicas também é bastante profícua no desenvolvimento da pronúncia, visto que trata-se de um gênero contagiante para os jovens, e porque possui ritmo e repetições.

A grande maioria dos alunos especificamente oito deles, apontam nessa questão que, utilizam músicas e vídeos para estudarem sozinhos, os vídeos aulas e vídeos de conversação entram nessa classificação. Em segundo lugar encontram-se os aparelhos portáteis, como celulares *smartphones*, que segundo eles, utilizam para fazer pesquisas sobre o conteúdo estudado. Logo em seguida, é apontado o computador, que também utilizam para pesquisar. Em um último lugar está o uso de dicionário e *Google Tradutor*, que são utilizados para traduzirem os textos escritos.

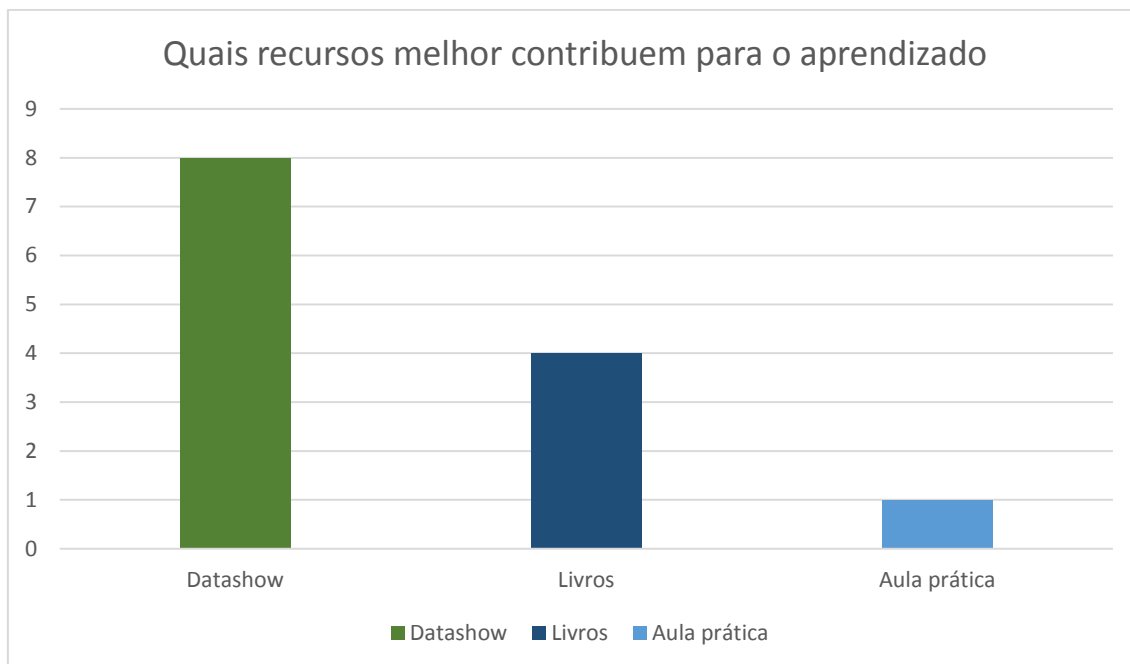


A maioria dos alunos aponta que o recurso mais utilizado na escola para o aprimoramento do *listening* e *speaking*, é o *Datashow*. Tal recurso é uma boa ferramenta pois, permite aos alunos verem e ouvirem a língua inglesa em prática. O livro didático é apontado cinco vezes, e a aula prática uma vez. Não se sabe ao certo o que o aluno quis dizer com aula prática, mas supõe-se que se refira a aulas em que os alunos sejam induzidos a falar em inglês, como no caso de diálogos. Segundo Lucas (2010)

Apesar de difícil, compreender a produção oral em uma LE pode se tornar uma atividade viável e até prazerosa, se permitimos aos nossos alunos executá-la em condições que mais fielmente reflitam as condições em que um ouvinte nativo desempenha tarefas semelhantes. (P. 113)

Não é de hoje que é dito que o livro didático é a principal ou a única forma contribuinte para o processo de aprendizagem, pois ao longo dos anos vem surgindo novas tecnologias e novas ferramentas que também podem ser levadas em consideração nesse processo.

Dessa forma, o próximo questionamento visa compreender, na opinião dos estudantes, quais subsídios o professor pode recorrer quando o intuito é a melhoria do aprendizado. O uso de *Datashow*, livros e aulas práticas são os meios apontados pelos discentes e que foi discriminado numericamente como é possível observar no gráfico abaixo:



O *datashow* é classificado pelos alunos como o melhor recurso para a aprendizagem, pois o mesmo está presente na escola e pode ser utilizado com mais facilidade. Os livros são citados quatro vezes como a melhor forma, uma vez que essa ferramenta está disponível gratuitamente e é um material indispensável na sala de aula. De acordo com Lima (2011)

Não é que o livro didático venha a ser o “salvador da pátria” e acabar com as dificuldades enfrentadas pelas escolas públicas, no que diz respeito ao ensino de línguas. Porém com a universalização da distribuição desses livros, o aluno terá mais oportunidade de aprender a ler, escrever, ouvir e falar na língua alvo e, com isso, desconstruir a tão arraigada crença de que não se aprende língua estrangeira em escola pública. (p.164)

É um tanto clichê afirmar que todo método utilizado repetitivamente se torna monótono, mas tal afirmação se faz necessária nesse contexto, visto que se o professor utiliza recursos como computador, datashow ou até o livro didático, ao intercalá-los, as aulas ficam diferenciadas, por isso são considerados importantes para o aprendizado não apenas de línguas, mas também de qualquer disciplina. O mais importante é que o professor selecione o recurso midiático que efetivamente contribua para o alcance dos objetivos delineados para sua aula. E isso consiste em considerar as peculiaridades apresentadas pelos estudantes, pois há alunos que aprendem ouvindo e vendo, outros lendo e escrevendo. “As pessoas têm estilos diferentes de aprendizagem. As preferências de cada aprendiz não são exatamente as mesmas, mas isso não quer dizer que são melhores ou piores. ” Paiva (2005, p.11). Numa sala de aula há alunos que apesar de terem a mesma idade, não têm o mesmo raciocínio, o mesmo comportamento, temperamento, ou forma de aprender.

Então é necessário que haja diferentes tipos de atividades para alcançar desde os extrovertidos aos tímidos.



Nessa questão foi perguntado aos alunos se eles acreditam na possibilidade de desenvolverem o *listening* e *speaking* com as mídias digitais. Todos responderam que “sim”. O excerto seguinte contém a explicação de alguns alunos para tal afirmação.

C.C: sim e muito. Porque é muito avançado nos dias de hoje. A gente praticamente começa a decorar algumas palavras, principalmente nas músicas.

A.E sim, pois elas falam o inglês e vemos ou ouvimos e vai aprendendo.

D.C: sim, nas vezes que temos dificuldades temos os recursos tecnológicos para ajudar.

A.K. sim pois é algo que estamos utilizando todos os dias.

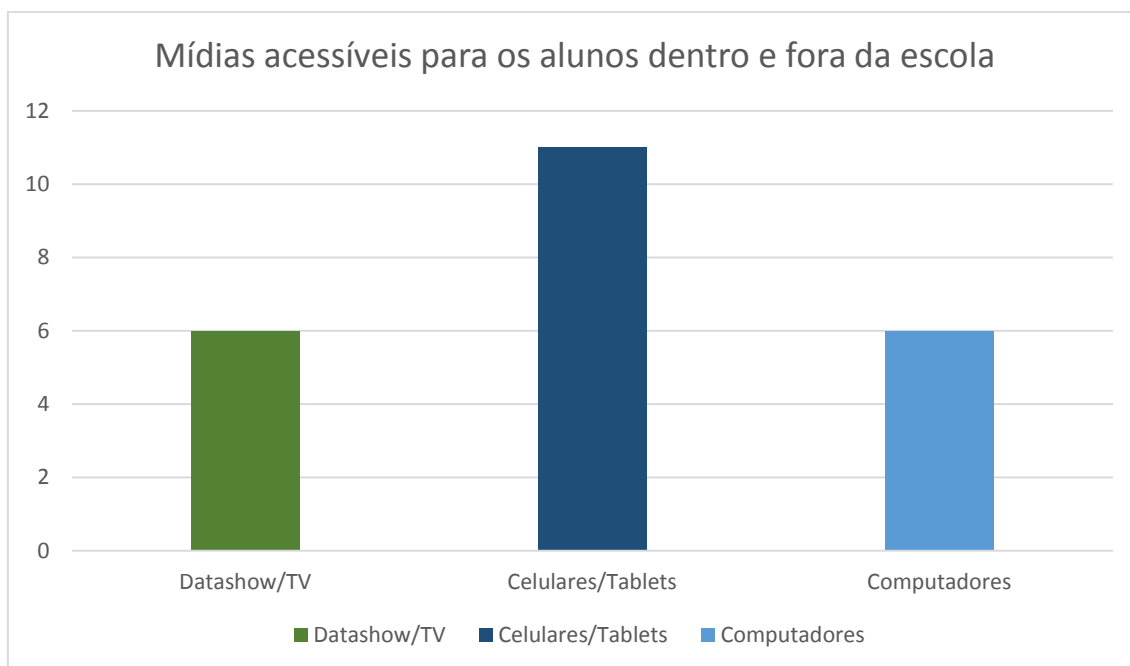
I.V: sim, ajuda com o desenvolvimento da fala do inglês, também quando a gente escuta alguém falando.

T.F: sim, porque com treinamento melhor o aprendizado.

L.N: sim, porque a gente vai decorando.

L.F. sim, pois vamos acostumando e adaptando a falar inglês

É percebido que os alunos acreditam na eficácia das tecnologias em seus estudos, pois como afirmam, é algo presente no dia a dia, e que ajuda a adquirir a prática de escutar a língua e conseqüentemente, aprender essas palavras. Assim, no gráfico a seguir coloca em questão as ferramentas de multimídias/tecnológicas que são acessíveis aos alunos dentro e fora do ambiente escolar.



As mídias digitais estão presentes no cotidiano de muitas pessoas, através dessa última questão, é possível afirmar que nessa turma todos possuem algum recurso tecnológico, tais como *tablets*, celulares, *notebook* ou computadores. Os mesmos usam essas ferramentas dentro e fora da escola. Dentro do ambiente escolar afirmam que tem contato com *datashow*, computadores e aparelho de televisão. Fora da escola, possuem os celulares, tablets e notebooks.

O fato de terem acesso a esses recursos fora do ambiente escolar, torna-se possível que os alunos estudem sozinhos e aprimorem suas habilidades. Por se tratar de uma questão subjetiva no questionário, alguns alunos ainda complementaram que utilizam a rede social de vídeos *Youtube*, a *Netflix* que é uma provedora global com vasto acervo de filmes e séries, como forma de contato com a língua inglesa.

Conclusão

Na tentativa de investigar e discutir acerca da (in)existência da prática de habilidades orais da Língua Inglesa do Colégio Municipal Castro Alves, o presente trabalho procurou identificar quais recursos são utilizados na referida unidade escolar no que diz respeito ao ensino de LI como também avaliar a eficácia dessas ferramentas no contexto de uso.

O resultado da pesquisa-ação mostrou que os alunos reconhecem suas limitações, mas que o ensino também merece atenção, pois há alguns fatores que impedem o uso de recursos tecnológicos que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem em LI, tais como a falta destes na escola e ambiente adequado para uso dos mesmos. Outro fator reconhecido pelos alunos e que foi identificado na pesquisa-ação é a escassez de tempo para a utilização dessas ferramentas.

A pesquisa também evidenciou que os alunos acreditam na eficácia e no valor que os recursos tecnológicos, como softwares, produções audiovisuais têm enquanto ferramentas pedagógicas. Ademais, foi observado que os sujeitos da pesquisa demonstram notável interesse em aprender uma segunda língua e reconhecem que o contato com o referido idioma acontece em contextos variados, extrapolando os limites do âmbito escolar. Sendo assim, ao utilizarem as mídias digitais do cotidiano, se deparam com situações que levam, de forma involuntária, ao aprendizado de língua inglesa, especialmente no tocante ao *listening* e apropriação de vocabulário novo.

Outrossim, pode-se afirmar que a aula experimental, em que foi utilizada uma série legendada para avaliar a competência linguística dos discentes e também os efeitos que a prática de habilidades orais podem trazer quando utilizadas como recursos midiáticos, confirmou que realmente é possível aprender quando essas ferramentas até aqui mencionadas são utilizadas de forma correta, e que promovem não só aquisição de competências linguísticas, mas também a construção social do conhecimento.

Por fim, concorda-se com Anjos (2016) e Pereira (2004), no sentido de que as reflexões aqui explicitadas possam colaborar para o desenvolvimento de bases sólidas que culminem em novas práticas envolvendo aprendizes de língua inglesa no que tange ao trabalho das práticas de oralidade em sala de aula de língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luciano. Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública. In: Lima, Diogenes. **Ensino e aprendizagem de língua estrangeira**. Conversas com especialistas. 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial,2009. P.28

ANJOS, Flavius Almeida. **Qual a verdadeira finalidade da língua inglesa não funciona**. Disponível em: <(http://www.sala.org.br/index.php/estante/academico/468-qual-a-verdadeira-finalidade-do-ensino-da-lingua-inglesa-na-escola)> acesso em:14 de out. de 2017

_____ Flavius Almeida. **Qual a verdadeira finalidade da língua inglesa não funciona**. Disponível em: <(http://www.sala.org.br/index.php/estante/academico/468-qual-a-verdadeira-finalidade-do-ensino-da-lingua-inglesa-na-escola)> acesso em:14 de out. de 2017

ANJOS, Maria Elizete P. dos. **Leitura literária em suportes digitais: reflexões sobre a multimodalidade nos textos literários em língua estrangeira. Anais Educere. PUC/PRC. 2015**

_____ Maria Elizete P. dos. **A retórica neoliberal versus formação humanística em textos de livros didáticos de LI**. p. 507-519 . In: . São Paulo: Blucher, 2017. ISSN 2318-695X, DOI 10.5151/edupro-clafpl2016-040.

_____ Maria Elizete Pereira dos; PEREIRA, Ariovaldo Lopes; **Concepções sobre estratégias tradutórias: questões léxico-semânticas, morfossintáticas e interculturais no poema a balada do cárcere de Reading, de Oscar Wilde**, p. 520-530 . In: . São Paulo: Blucher, 2017. ISSN 2318-695X, DOI 10.5151/edupro-clafpl2016-041.

_____ Maria Elizete P. dos. **Estratégias de tradução em um curso de licenciatura em letras: uma análise sob a perspectiva de Andrew Chesterman**. Dissertação. Mestrado. UEG, Anápolis, 2017.

BARCELOS, Ana Maria. Lugares (im)possíveis de se aprender inglês no Brasil: crenças sobre aprendizagem de inglês em uma narrativa. In: Lima, Diógenes (ORG). **Inglês em escolas públicas não funciona**. Uma questão, múltiplos olhares. 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial, 2011.

BROWN, H. D. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. New York: Longman, 2001.

BUSNARDO, J. & ELDASH, L. G. Ativo e Interativo: A Competência Receptiva no Ensino de Inglês. UNICAMP, 1996.

CAYUELA, Maria H. **Subtitulado intralingüístico com fines didáticos (Speak Up)**.In: Lourdes García Lorenzo e Ana Maria Pereira Rodríguez. Traducción subordinada II:el subtitulado (inglés-español/galego). Vigo: Universidade de Vigo, Servicio dePublicacións, 2001. p. 147-167.

CHAVES, Carla. **O ensino de inglês como língua estrangeira na educação infantil: para inglês ver ou para valer?**. Monografia (curso em Especialização em Educação Infantil) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004. p.26

JORDÃO, Clarissa ,FOGAÇA, **Ensino de Inglês, Letramento Crítico e Cidadania: um Triângulo Amoroso Bem- Sucedido.** Francisco Carlos,1º sem. 2007 1º sem. p. 79-105.

JORGE, Miriam; TENUTA Adriana. O lugar de aprender língua estrangeira é a escola: o papel do livro didático. In: Lima, Diógenes (ORG). **Inglês em escolas públicas não funciona.** Uma questão, múltiplos olhares. 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial, 2011.

_____.O lugar de aprender língua estrangeira é a escola: o papel do livro didático. In: Lima, Diógenes (ORG). **Inglês em escolas públicas não funciona.** Uma questão, múltiplos olhares. 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial, 2011.

KERN, R. e WARSCHAUER, M. **Theory and practice of network-based language teaching**”, in: WARSCHAUER, M. e KERN, R. (eds.) Network-based language teaching: concepts and practice. New York: Cambridge University Press, 2000.

LIMA , Diógenes Candido. Quando o ideal supera as adversidades: um exemplo a não ser seguido. In: Lima, Diógenes (ORG). **Inglês em escolas públicas não funciona.** Uma questão, múltiplos olhares. 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial, 2011 P.164

LIMA e MOURA, **A Reinvenção da Roda: Roda De Conversa: um instrumento metodológico possível.** *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v.23, n.1, P.101, jan.-jun. 2014. Disponível em <http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/rteo/article/viewFile/18338/11399>. Acesso em 15/OUT/17.

LUCAS, Rosana. Quem tem medo do “listening comprehension”. In PAIVA, vera lúcia (ORG). **Ensino de língua inglesa. Reflexões e experiências.** 4ª ed. campinas. Pontes, 2010. P.113

LUCAS, Rosana. Quem tem medo do “listening comprehension”. In PAIVA, vera lúcia (ORG). **Ensino de língua inglesa. Reflexões e experiências.** 4ª ed. campinas. pontes, 2010. P.113

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Comum Curricular.** Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. acesso em: 22 de OUT de 2017

MONTREZOR, Bethania Márcia & SILVA, Alexandre Batista da. **A dificuldade no aprendizado da Língua Inglesa.** Artigo. 10ª ed. Volta Redonda-RJ. Cadernos UniFOA, 2009. P.31.

O’MALLEY, C, ; CHAMOT, F. & KUPPER, M. In: BUSNARDO, J. Ativo e Interativo: A Competência Receptiva no Ensino de Inglês. Campinas: UNICAMP.1996. p. 88

PAIVA, Claudio; TAVARES, Kátia. Way to English. For Brazilian learners. 1ªed.Sao Paulo. Ática, 2015.

_____.Way to English. For Brazilian learners. 1ªed.Sao Paulo. Ática, 2015.

_____.O lugar de aprender língua estrangeira é a escola: o papel do livro didático. In: Lima, Diógenes (ORG). **Inglês em escolas públicas não funciona.** Uma questão, múltiplos olhares. 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial, 2011.

PAIVA, V.L.M. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica.** Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/techist.pdf>> Acesso em 03 de JUN 2017.

PAIVA, Vera Lucia Menezes. O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia. In: Lima, Diogenes. **Ensino e aprendizagem de língua estrangeira.** Conversas com especialistas. 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial,2009. P.33

PAIVA, Vera Lucia Menezes. Refletindo sobre estilos, inteligências múltiplas e estratégias de aprendizagem In: PAIVA, V.L.M.O. (Org.). **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p.32

PAIVA, Vera Lucia Menezes. Refletindo sobre estilos, inteligências múltiplas e estratégias de aprendizagem In: PAIVA, V.L.M.O. (Org.). **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p.34

PAIVA, Vera Lucia Menezes. Refletindo sobre estilos, inteligências múltiplas e estratégias de aprendizagem In: PAIVA, V.L.M.O. (Org.). **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p.11

PAIVA, VERA LUCIA MENEZES. O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia. In: Lima, Diogenes. **Ensino e aprendizagem de língua estrangeira.** Conversas com especialistas. 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial,2009. P.38

PRICE, K. Closed-captioned TV: **An untapped resource.** MATSOL Newsletter. [S.L.], 1983. P.3.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica. Linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Parábola, 2003

RUBIN, J. 1994. A review of second language listening comprehension research. *Modern Language Journal*, 78(2), 199-221.

SCHMITZ, Jhon Robert. Ensino/aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola publica: uma meta alcançável? In: Lima, Diogenes. **Ensino e aprendizagem de língua estrangeira.** Conversas com especialistas. 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial,2009.

SCHMITZ, Jhon Robert. Ensino/aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola publica: uma meta alcançável? In: Lima, Diogenes. **Ensino e aprendizagem de língua estrangeira.** Conversas com especialistas. 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial,2009. P.14

SCHMITZ, Jhon Robert. Ensino/aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola publica: uma meta alcançável? In: Lima, Diogenes. **Ensino e aprendizagem de língua estrangeira.** Conversas com especialistas. 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial,2009. P.14

SCHMITZ, Jhon Robert. Ensino/aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola publica: uma meta alcançável? In: Lima, Diogenes. **Ensino e aprendizagem**

de língua estrangeira. Conversas com especialistas. 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial,2009. P.16

_____.Ensino/aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola publica: uma meta alcançável? In: Lima, Diogenes. **Ensino e aprendizagem de língua estrangeira. Conversas com especialistas.** 1ªed.Sao Paulo. Parábola editorial,2009.

SCHNEIDER. Maria Nilse. **Abordagens de ensino e aprendizagem de línguas: comunicativa e intercultural.** Contingenta. UFRGS. V.5 n.1. 2010.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais** : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Disponível em: <(http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf)> acesso em: 22 de OUT de 2017

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais** : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Disponível em: <(http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf)> acesso em: 22 OUT.2017

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23ªed. São Paulo. Cortez,2007.

_____.Metodologia do trabalho científico. 23ªed. São Paulo. Cortez,2007.

SKINNER, B. F. "**Superstição**" no pombo. Journal of Experimental Psychology, 38:168-172, 1948.

SPANOS, George & SMITH, Jennifer J. **Closed Caption television for adult LEP literacy learners.** [online] 2003. Disponível no site www.wricfacility.net/ericdigests/ed321623.html, Acesso em 08/JUN/17

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 5. ed.São Paulo: Martins Fontes, 1994. P.81.

VILAÇA, M. L. C. (2008). Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo. In Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da UNIGRANRIO, Rio de Janeiro, 2008, pp. 73-85.

WARSCHAUER, M. e MESKILL, C. Technology and second language learning, in: ROSENTHAL, J. (ed.) Handbook of undergraduate second language education. Mahwah: Lawrence Erlbaum, pp.303-308. 2000.

WARSCHAUER, M. e HEALEY, D. Computers and language learning: An overview. Language teaching, 31º ed. p. 57-71. 1998.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. P.2.

WARSCHAUER, M. Technological change and the future of CALL. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2004, p. 26.

ZHAO, Y. Technology and Second Language Learning: Promises and Problems. Michigan State University. 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A - FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICA

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Através do presente instrumento, solicitamos do Gestor do _____, Professor _____, autorização para realização da pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos acadêmicos _____, orientados pela **Prof.ª Mestre Maria Elizete Pereira dos Anjos**, tendo como objetivo preliminar, a coleta de opiniões referentes a vários aspectos envolvendo o tema do nosso TCC, intitulado:

A coleta de dados será feita através da aplicação de três instrumentos de pesquisa: **questionário, oficina e Roda de Conversas.**

A presente atividade é requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, da Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária de Posse - GO. As informações aqui prestadas não serão divulgadas sem a autorização final da Instituição campo de pesquisa.

Posse - GO, 21 de Setembro de 2017.

Prof.ª Mestre Maria Elizete Pereira dos Anjos
Orientadora (UEG)

Warley Junior José da Silva
Pesquisador (UEG)

Daniely da Silva Cirino
Pesquisadora (UEG)

Deferido ()

Indeferida()

Assinatura do diretor da Escola

APÊNDICE B- TRANSCRIÇÃO DA RODA DE CONVERSA

Q. 1: O que você achou da série?

As: Bem legal e engraçada.

L. N.: A série é muito boa e divertida... descontraí bem, e... dá pra aprender bem o inglês.

Q. 2 Você acha que com o uso contínuo de séries é possível aprender inglês, melhorar a pronúncia, vocabulário?

L. N.: Sim, porque na série não fala palavras muito difíceis, fala palavras do nosso dia-a-dia e... a gente vai acostumando com o que fala também e vai aprendendo.

As. (Palmas) Parabéns, Lucas! É isso aí!

C. C.: Concordo com ele, com tudo que ele falou.

Q. 3 Você conseguiu perceber a pronúncia de alguma palavra em inglês? Se sim, qual?

As: Sim!

D.C.: sim. Um exemplo é *mother*, que ele fala com a mãe dele toda hora.

G.P: *families, friend, morning...*

L. N: O que quer dizer "Whooo whooo"?

P.1: É apenas uma palavrinha (onomatopeia) divertida na música delas, de forma que elas dançam.

[P.1 Tenta dançar igual e todos riram.]

Q. 4 Como você acha que seria o aprendizado de inglês na escola se fossem utilizadas ferramentas como essa?

M. E.: Seria... A gente aprenderia mais rápido, não seria cansativo, seria mais divertido e... tipo assim, na hora de fazer uma prova a gente lembraria mais assistindo uma série.

L. F.: Sim... pois vamos acostumando e adaptando a falar em inglês.

Q. 5- Você acha que essa é uma boa forma de aprender inglês na escola?

C.C.: Sim, porque além de ser atrativo e muito interessante, a gente se apegando e vê palavras do dia a dia lá, então a gente vai pegando a forma de falar inglês. Eu acho que ajudaria a gente muito na sala de aula.

Q. 6- Você acha que é possível aprender a falar inglês através de filmes e series por exemplo?

As: Sim!

T.F: Sim, basta treinar, escutar e falar...

D.C.: Sim, eu acho que, além de melhorar a pronúncia, ajudar a pronunciar as palavras que são mais difíceis e ainda entender o significado delas né?

Q. 7- Você usa a língua inglesa fora da escola?

A. K- Sim, eu gosto de cantar musicas

G.S- sim, com vídeo aulas, musicas, etc.

Q. 8- Na aula de língua inglesa quais são os recursos utilizados pela professora?

C.C.: Na maioria das vezes usamos data show, raramente usamos a tv, e todas as vezes a professora lê em inglês e traduz para nós e também o dicionário.

9- Na sua opinião as mídias digitais ajudam a aprender inglês?

C.C.: Sim, muito. Porque é muito avançado nos dias de hoje. A gente praticamente começa a decorar algumas palavras, principalmente nas músicas.

A.E.: Sim, pois elas falam o inglês e lemos ou ouvindo e vai aprendendo.

I.V.: Sim, ajuda com o desenvolvimento da fala do inglês também quando a gente escuta alguém falando.

10- Você sente dificuldade em aprender inglês?

I.V – Sim devido a falta da pratica do inglês no dia a dia

11- Como você superaria essa dificuldade?

I.V: Praticar o inglês no dia a dia.

APÊNDICE C – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA OS PAIS OU RESPONSÁVEIS
DOS ALUNOS



Senhores pais ou responsáveis, seus filhos foram selecionados por graduandos do curso de letras português/inglês para uma aula experimental que muito contribuirá para a formação dos acadêmicos. As aulas experimentais têm como objetivo investigar a eficácia dos recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, portanto a presença de seu filho é muito importante. A aula acontecerá hoje às 13h30min na UEG câmpus posse.

Atenciosamente,

Warley Silva

Daniely Silva

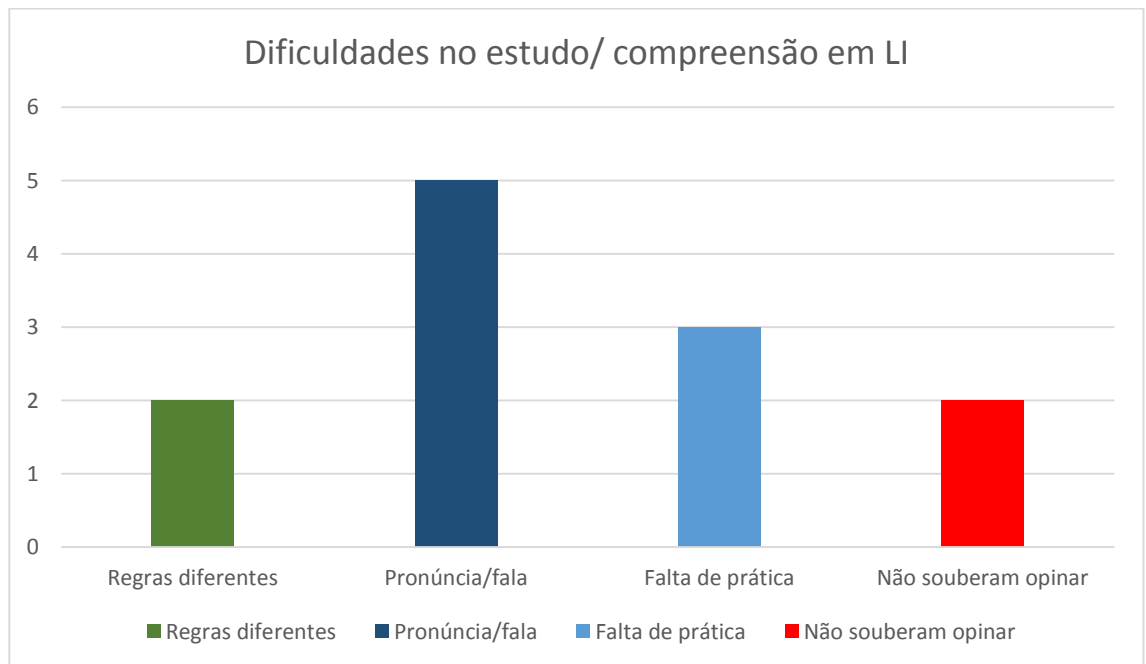
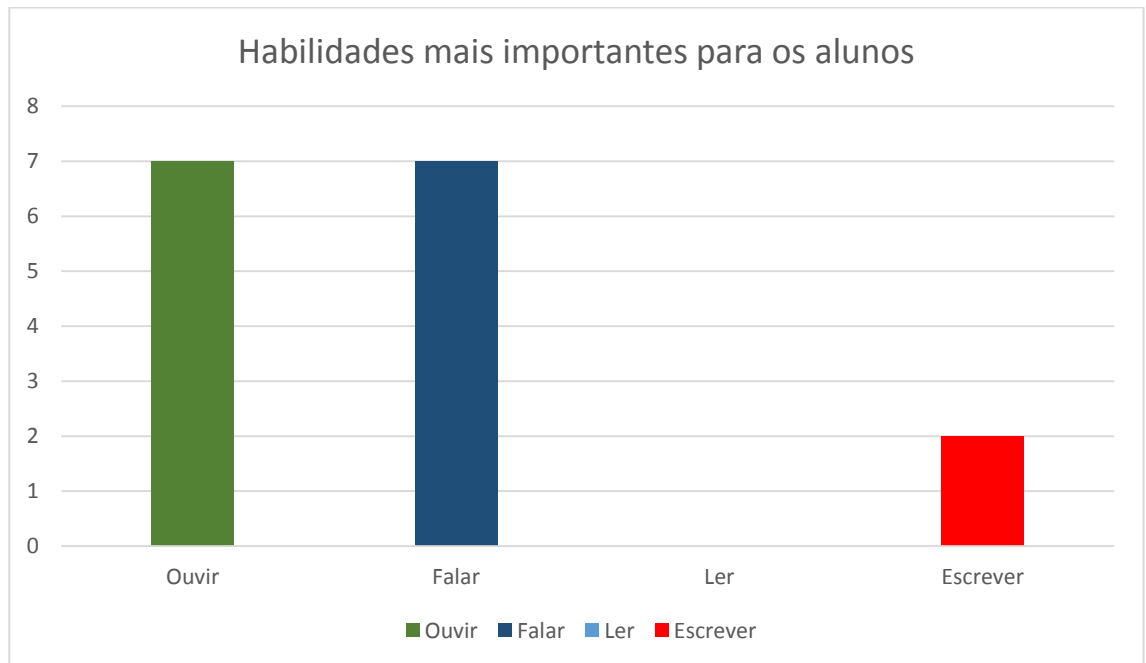
(Professores graduandos da UEG)

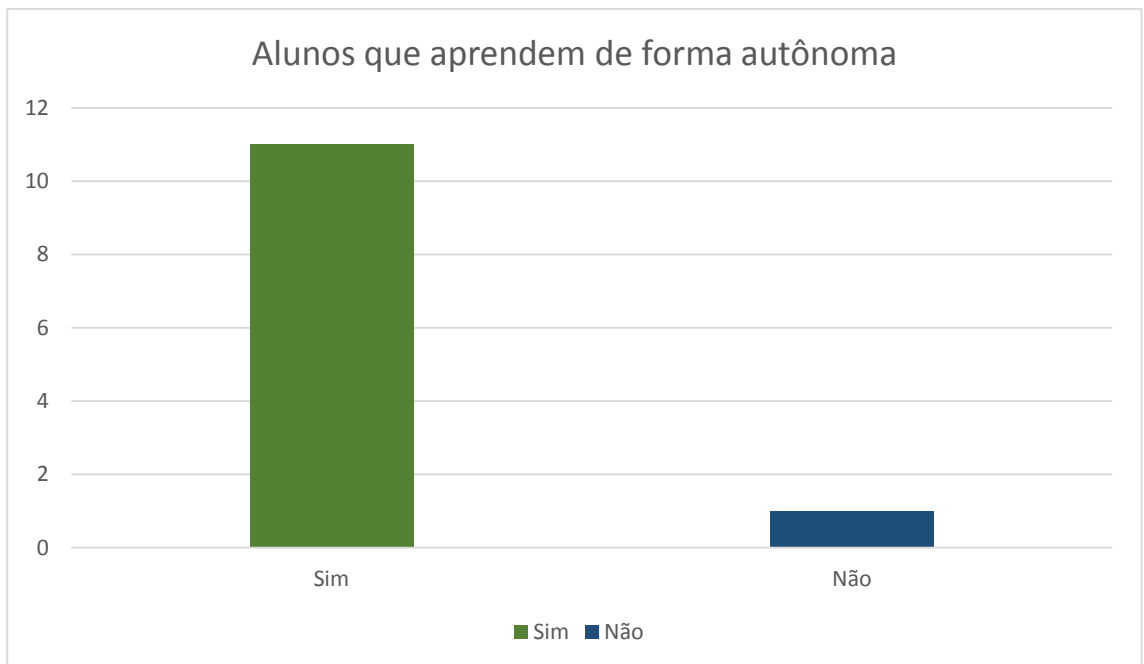
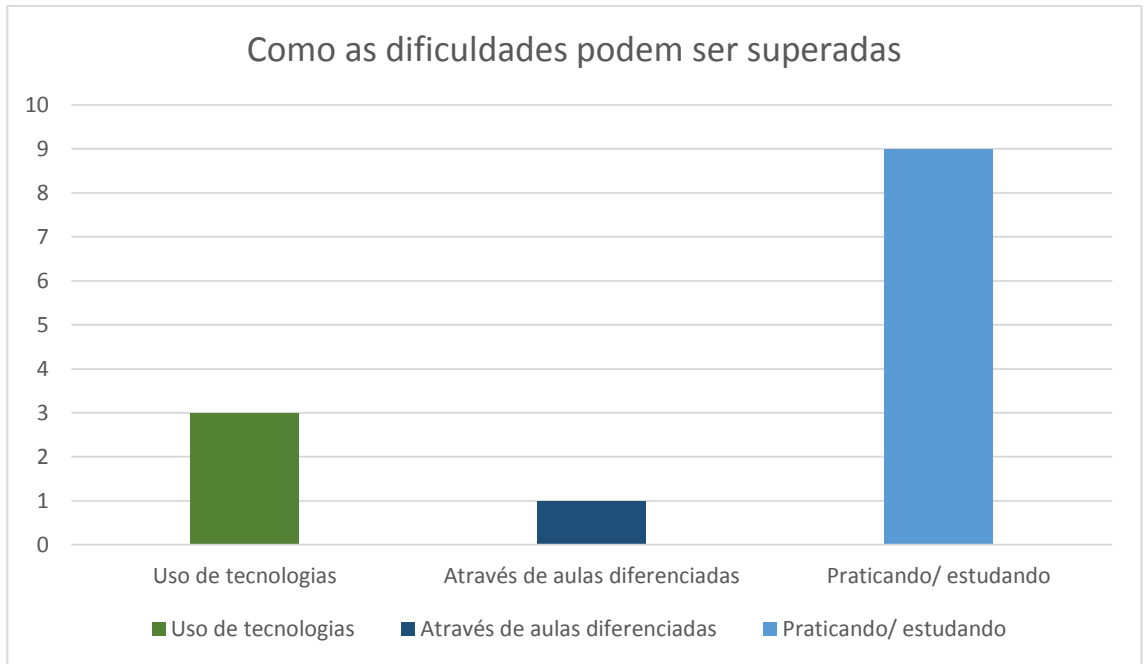
ANEXOS

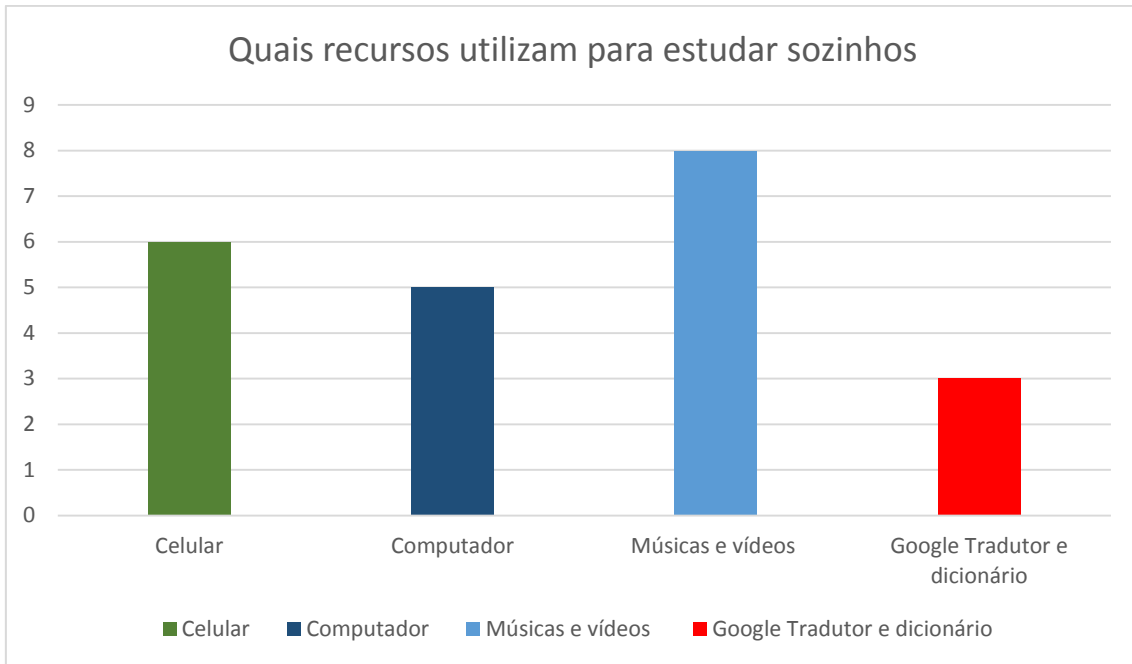
ANEXO 1 - APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO

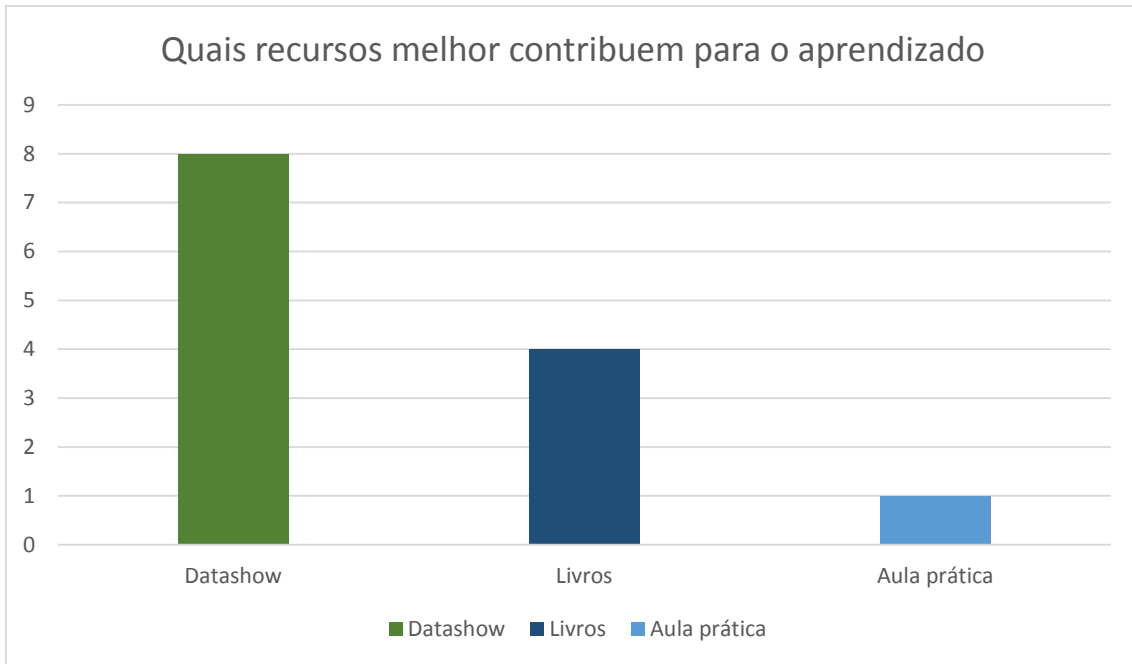
1. Quais habilidades você considera mais importante no aprendizado de língua inglesa
2. A que você atribui suas dificuldades de compreender e falar inglês
3. Como você acha que essa dificuldade poderia ser superada?
4. Você tenta aprender inglês de forma autônoma, com estudos além do ambiente escolar?
5. Se sim, quais recursos você utiliza?
6. Na escola, quais recursos são utilizados para aprimoramento do listening e speaking?
7. Quais deles melhor contribuem para o seu aprendizado?
8. Você concorda que as mídias digitais podem colaborar para o desenvolvimento do listening e speaking? Por quê?
9. A que mídias você tem acesso dentro e fora da escola?

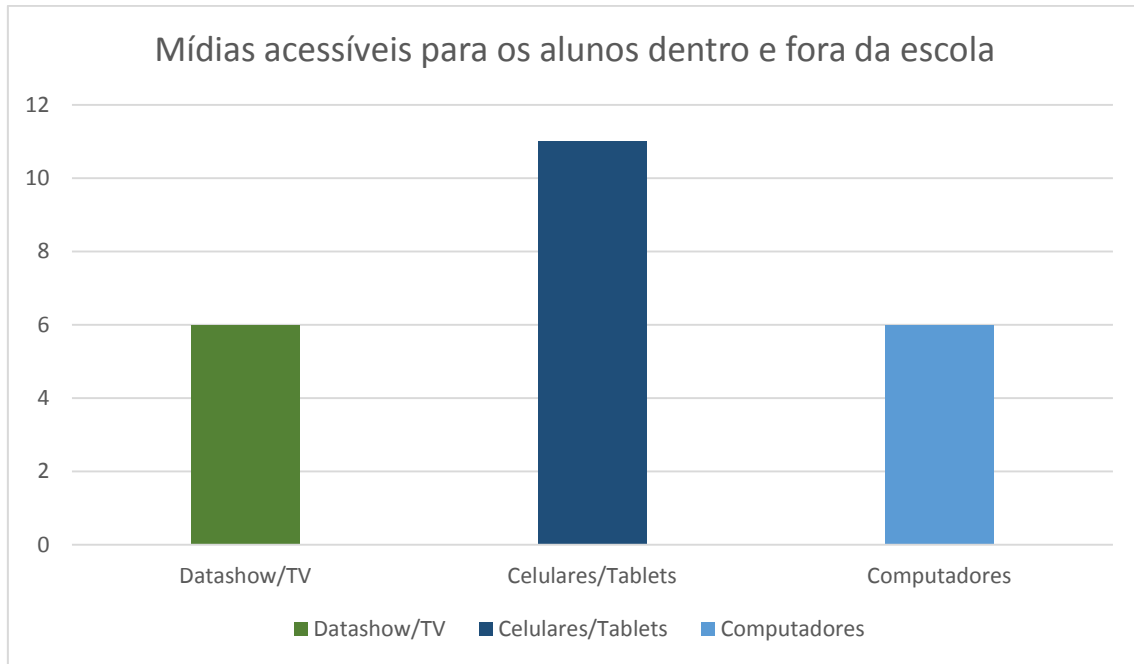
ANEXO 2 – GRÁFICOS











ANEXO 3 – FOTOS





CÂMPUS POSSE - GOIÁS
COORDENAÇÃO ADJUNTA DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA MONOGRAFIA
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA

Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento

Projeto de Pesquisa

Monografia

Declaro que os acadêmicos Daniely da Silva Cirino e Warley Júnior José da Silva, realizaram, cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada da Monografia, estando apto a depositá-la, conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

Concluída e finalizada (redigida e digitada).

Em fase de conclusão (indicar o que esta faltando).

Em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).

Realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.

Não realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.

Trouxe a Monografia finalizada sem o conhecimento do orientador.

OBSERVAÇÃO:

Posse (GO) 13 de Novembro de 2017.



Orientadora

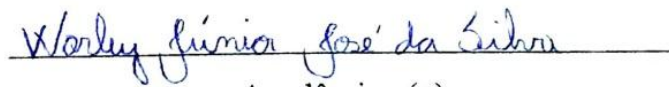
CÂMPUS POSSE - GOIÁS
COORDENAÇÃO ADJUNTA DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA MONOGRAFIA
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

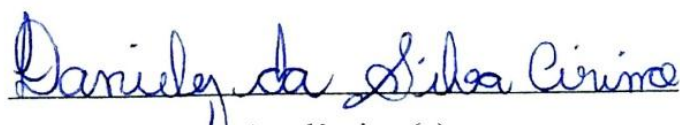
DECLARAÇÃO DE DISCENTE

Declaramos para fins documentais que a minha Monografia apresentada ao Curso de Letras Português/Inglês do Câmpus Posse (GO), - Universidade Estadual de Goiás-UEG, é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto, cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou o exterior. Caso ocorra plágio, estou ciente de que serei reprovado na Disciplina Monografia.

Por ser verdadeira, firmo esta declaração.

Posse (GO), 31... de outubro..... de 2017.


Acadêmico (a)


Acadêmico (a)

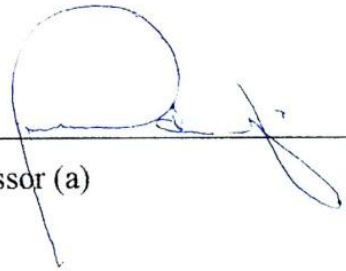
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE POSSE- GOIÁS
CÂMPUS POSSE - GOIÁS
COORDENAÇÃO ADJUNTA DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA MONOGRAFIA
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA

Eu, Maria Elizete Pereira dos Anjos, professora de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa da Monografia do Curso de Letras Português/Inglês dos acadêmicos Daniely da Silva Cirino e Warley Júnior José da Silva, observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no *corpus* do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse (GO), 31 de Outubro de 2017.



Professor (a)

Professor: Maria Elizete P Anjos
Endereço: Rua José Ribeiro e Silva 956/03
Telefone fixo: _____ Cel.: 62)9 9641 0963